

AVISO AO USUÁRIO

A digitalização e submissão deste trabalho monográfico ao *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia* foi realizada no âmbito do Projeto *Historiografia e pesquisa discente: as monografias dos graduandos em História da UFU*, referente ao EDITAL Nº 001/2016 PROGRAD/DIREN/UFU (<https://monografiashistoriaufu.wordpress.com>).

O projeto visa à digitalização, catalogação e disponibilização online das monografias dos discentes do Curso de História da UFU que fazem parte do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (CDHIS/INHIS/UFU).

O conteúdo das obras é de responsabilidade exclusiva dos seus autores, a quem pertencem os direitos autorais. Reserva-se ao autor (ou detentor dos direitos), a prerrogativa de solicitar, a qualquer tempo, a retirada de seu trabalho monográfico do *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia*. Para tanto, o autor deverá entrar em contato com o responsável pelo repositório através do e-mail recursoscontinuos@dirbi.ufu.br.

Trab
aut
5.9/03
3462

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
LUCIANA TAVARES BORGES

**A UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA: Interesses e conflitos
na sua formação (Uberlândia 1957-1978)**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
Centro de Documentação e Pesquisa em
História - CDHIS
Campus Stª Mônica - Bloco 1Q (Antigo Mineirão)
Av. Universitária S/Nº
Cep. 38400-902 - Uberlândia - M. G. - Brasil

Uberlândia
2007

3462
5.9(03)

LUCIANA TAVARES BORGES

**A UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA: Interesses e conflitos
na sua formação (Uberlândia 1957-1978)**

Trabalho de conclusão de curso, apresentado ao
Instituto de História da Universidade Federal de
Uberlândia, como requisito parcial à obtenção do
título de bacharel em História.

Orientadora: Dra. Christina da Silva Roquette
Lopreato.

Uberlândia
2007

Borges, Luciana Tavares.

A Universidade Federal de Uberlândia: Interesses e conflitos na sua formação (Uberlândia 1957-1978) / Luciana Tavares Borges. - Uberlândia, 2007.

83 f. : il.

Orientadora: Christina da Silva Roquette Lopreato.

Monografia (Bacharel) – Universidade Federal de Uberlândia, Graduação em História.

Bibliografia: f. 61-63.

1. Cidade. 2. Política. 3. Universidade. - I. Universidade Federal de Uberlândia, Graduação em História. II. Título.

LUCIANA TAVARES BORGES

**A UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA: Interesses e conflitos
na sua formação (Uberlândia 1957-1978)**

Uberlândia, 2 de março de 2007

BANCA EXAMINADORA:

Profª. Drª. Christina da Silva Roquette Lopreato – Orientadora – UFU

Prof. Dr. Antônio de Almeida – UFU

Profª. Drª. Josianne Francia Cerasoli – UFU

*A minha avó, Etelvina Buiatte
Borges, que com o seu exemplo de
coragem e de fé nos ensinou os
valores da vida. Obrigada por tudo.*

AGRADECIMENTOS

Nós estamos caminhando para o término de nossa passagem na Universidade Federal de Uberlândia. Durante essa trajetória acadêmica, várias foram as pessoas que nos ajudaram. Por isso, faz-se necessário registrarmos de forma especial o nome de cada uma delas:

A Deus pelo dom da vida e por nos ter proporcionado a alegria de viver ao lado de pessoas tão queridas;

A meus pais, Lourivaldo e Jovita (In Memoriam) por nos ter dado uma família, que para nós é uma satisfação tê-la como referência;

A tia Tereza que, desde a nossa infância, nos incentivou a leitura e durante toda a nossa vida estudantil sempre nos deu a maior força;

Ao meu irmão Douglas, que mesmo distante nos encoraja a prosseguir nos estudos;

A minha irmã Gláucia, que também mesmo distante nos traz sempre alegria ao contar as peripécias de nossos sobrinhos: Lucas Eduardo, Welington e Ana Carolina.

Aos nossos tios, Pedro e Darci, que sempre nos procuraram incentivar na nossa vida acadêmica.

A nossa prima-irmã Núbia, a qual vivemos juntas muitos momentos engraçados. Valeu por tudo.

Ao tio Celso, que sempre foi um segundo pai em nosso lar. Obrigada por tudo. Também agradecemos à tia Cilene e os primos: Bianca, Merulana e Elton.

A tia Celma, que com seu jeito humilde sempre nos motivou a caminhar para frente. Não poderíamos esquecer do Tio Ilauro e minhas primas: Rozália, Rosilene e Edivânia, que também sempre estão ao nosso lado;

A tia Neuza e os meus primos, Cleudair, Cristiane e Gracielle, que sempre nos acompanharam com entusiasmo na nossa vida estudantil;

A Waldomira Buiatte, “tia Iota”, que nos deu desde o princípio do curso apoio moral e financeiro. Muito obrigada;

A Benedito Buiatte, “tio Tuta”, que com o seu jeito sensato, sempre nos ensina a ter prudência na vida;

Aos meus tios-avós: José e Claudemira; Wagner e Maria Madalena; Brasiliano e Elzira; Sebastião e Nair; Zilto e Aparecida, pelo apoio moral;

As minhas primas Marilda e Vera, que sempre também nos motiva a seguir no caminho;

A José Rubens, nosso grande primo e amigo. Sempre acreditou em nós. Sua força nos ajuda a ter fé na vida. Muito obrigada;

A Geraldo Buiatte, “tio Crioulo” (In memorian), que com seu jeito alegre e carinhoso nos proporcionou momentos de satisfação;

A Christina, que com seu jeito sereno nos orientou de forma competente. Muito obrigada;

A Josianne por ter aceitado o nosso convite, para apreciar o trabalho. Temos a certeza de que suas contribuições serão valiosas;

Ao Antônio, que também temos a certeza de que suas contribuições nos ajudarão a amadurecer na vida acadêmica;

Ao meus amigos: Alexandre; Ângelo e Hélio; Eliane; Leandro; Luís Carlos; Henrique; Marcos e Pablo, que nos apoiaram nestes cinco anos, com momentos de alegria. Muito obrigada.

Ao Tarcílio, conhecido como “Timóteo”, que recentemente tornou-se “meu companheiro de janta”. Obrigada pela sua amizade.

A Raphael Alberto Ribeiro, obrigada pela sua generosidade.

A Geane; Renata, Cristiane; Jhonatan e todos os nossos colegas do curso de História. Obrigada por vocês existirem.

Ao Tadeu Pereira dos Santos, que nos auxiliou no início da pesquisa;

A Jeremias Brasileiro, que cedeu gentilmente o seu gravador, para realizarmos a entrevista;

A Alana, Wilian, Rosevanea e Raphael (Araguari) colegas de classe que nos acompanharam nessa trajetória;

A Luciana, João e Gaspar pela força que nos deram na vida acadêmica;

A professora Dilma, que quando pode sempre nos ouve e nos aconselha nos trabalhos acadêmicos;

A professora Célia Rocha, que disponibilizou para nós a tese da Eleonara Ribeiro. Muito obrigada;

Ao pessoal da biblioteca do campus Santa Mônica, principalmente o “seu Celso” e Ana Maria pelo carinho;

Ao pessoal do Restaurante Universitário, principalmente o Clóvis e a senhora Terezinha;

Ao “seu João”, Jéssica, Jessé e Claísse pela amizade;

A Edeílson e Jussara, exemplos de integridade;

A Wellesley e Lígia Prado (In memorian), exemplos de intelectualidade e de caráter;

Aos meus amigos do ESDE/ICAME (Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita / Instituição Cristã de Amparo Material e Espiritual), que nos acompanharam durante esses anos de vida acadêmica e que souberam compreender nossos momentos de ausências;

A Durval (“seu Moranga”) e Dona Maria de Lourdes, pelo exemplo de humildade e pela ajuda moral;

Ao pessoal do setor de Arquivo da UFU: Adalício, Luciano, Zênite, Arlindo, José Décio, Amanda, Rafael, Conceição, Wanderle (“Pio”), Damião, Zenaide pelos dois anos de aprendizado;

A todo o pessoal do CDHIS, especialmente o Velso, que gentilmente scaneou as fotos para nós;

Aos funcionários do Arquivo Público Municipal pelo pronto atendimento;

A Nélida e “Carneiro” pela amizade;

A Kely e José pela digitação da monografia. Muito obrigada.

RESUMO

A cidade de Uberlândia desde o seu nascedouro lutou para ser um lugar de destaque na região do Triângulo Mineiro. A partir dos anos de 1950, a mesma teve um significativo crescimento econômico devido à euforia vivida pelos “anos dourados” do presidente Juscelino Kubitschek. O ensino superior, no entanto, era ausente na cidade. Em 1952, o advogado Homero Santos começa a realizar uma campanha juntamente com o jornal local, *O Repórter*, para a instalação de uma faculdade de Medicina. Porém, esta não teve êxito. A partir de 1957, começam a ser implementadas as primeiras faculdades na cidade de Uberlândia. A atuação de profissionais liberais, empresários e políticos foi de fundamental importância para a constituição das mesmas. Em 1969 foi criada a Universidade de Uberlândia através da ação do então Ministro da Casa Civil, Rondon Pacheco, entrevistado nesse trabalho. Ele nos conta sobre todo esse processo de formação da Universidade Federal de Uberlândia. As primeiras faculdades, a unificação destas, as crises, as tensões e a aprovação da lei 6.532, que criou a UFU.

Palavras-chave: Cidade, Política, Universidade, Universidade de Uberlândia.

SUMÁRIO

Introdução	12
Capítulo I – O Alicerce da Universidade Federal de Uberlândia	17
1.1 Os anos 1950 e a cidade de Uberlândia	18
1.2 O nascimento do ensino superior em Uberlândia	23
Capítulo II – O difícil processo de acabamento da Universidade Federal de Uberlândia	32
2.1 A ditadura e o ensino superior no Brasil	33
2.2 Um sonho se concretiza – A Faculdade de Medicina e a Universidade de Uberlândia	40
2.3 Tensões no processo de consolidação da Universidade Federal de Uberlândia	47
Considerações Finais	55
Fontes	59
Bibliografia	61
Anexos	64
Anexo A	64
Anexo B	70
Anexo C	72

LISTA DE IMAGENS

Capítulo I

Mapa da cidade de Uberlândia – 1952	20
Avenida João Pinheiro, Uberlândia – 1950	22
Prédio da Faculdade de Direito, Uberlândia – 1960	27
Fachada do Prédio da Faculdade Federal de Engenharia, Uberlândia – 1965	30

Capítulo II

Visita do presidente Costa e Silva na inauguração das Cadeiras Básicas da Faculdade de Medicina, Uberlândia – 1968	43
Estampa do Jornal <i>O Triângulo</i> , Uberlândia, 19/08/1969	45
Prédio da Faculdade de Odontologia, Uberlândia – 1976	48

LISTA DE TABELAS

Capítulo 1

Produção e Arrecadação do Município de Uberlândia – Uberlândia, 1956-1961	21-22
---	-------

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

APM/PMU – Arquivo Público Municipal - Prefeitura Municipal de Uberlândia

CDHIS/UFU – Centro de Documentação e Pesquisa em História - Universidade Federal de Uberlândia

Searq/UFU – Setor de Arquivo Geral - Universidade Federal de Uberlândia

INTRODUÇÃO

Os desbravadores do sertão da farinha podre¹ aportaram nessas terras em meados do século XVII. Porém, somente dois séculos mais tarde, ocorreu

[...] a ocupação do território. Ao sesmeiro João Pereira da Rocha foi concedida sesmarias em 1821, fixando aglomeração no território. Nesse interim a família Carrijo adquiriu possessões e o núcleo de povoamento se expandiu. Um dos membros da família, Felisberto Alves Carrijo, construiu a primeira capela, Capela Nossa Senhora do Carmo, oficializando em 1852, a existência do arraial que recebeu o nome de Arraial de Nossa Senhora e São Sebastião da Barra de São Pedro de Uberabinha².

O Arraial de São Pedro de Uberabinha deu origem à futura cidade de Uberlândia. Em 1857, ocorreu a demarcação de seu território e seu reconhecimento como freguesia. Isto proporcionou ao grupo dominante da época encaminhar ao presidente da Província de Minas Gerais um documento pedindo a emancipação da mesma e sua elevação a categoria de vila.

O pedido foi atendido. Em 31 de agosto de 1888 o sonho obstinado da futura “cidade jardim” se concretiza. Começava assim uma peregrinação para transformar “Uberabinha” numa cidade moderna, dinâmica e progressista.

A instalação da Companhia Mogiana de Estradas de Ferro e Navegação em vinte e um de dezembro de 1895 foi “fundamental” para “impulsionar o... progresso”³ da jovem cidade. A implementação da mesma só foi possível devido à ação dos grupos políticos locais, que convenceram os diretores da Mogiana a estender os seus trilhos até aqui. Visto que “a cidade estaria ligada com outros centros seria sua chance de revelar-se, tornar-se conhecida em outras passagens”⁴ a luta para ser (re)conhecida não terminaria por aí, a cidade de Uberabinha queria continuar sua expansão.

A promulgação do código de Posturas em 1903 e a execução do plano de urbanização em 1908 visou regulamentar e caracterizar a cidade como moderna. O novo traçado urbano tinha como exemplo o modelo francês, realizado pelo Barão de Haussmam, na Paris do século XIX.

¹ Os bandeirantes quando passavam nessa região a caminho da capitania de Goiás deixavam armazenado numa bruaca de couro cru, a farinha, que lhes serviriam como suprimento alimentar na viagem de volta. Entretanto, quando estes aportavam no ribeirão onde estava a mesma, localizada perto do município de Sacramento, aquela já estava deteriorada. Atualmente a região é denominada de triângulo mineiro.

² DANTAS, Sandra Mara. **Veredas do progresso em tons altissonantes (Uberlândia 1900 – 1950)** Dissertação (Mestrado em História) Uberlândia, UFU, 2001, p.30.

³ Entrevista com o Sr. Rondon Pacheco.

⁴ DANTAS, Sandra M. Op. cit. p.34.

Este plano de urbanização teve o aval do engenheiro da Companhia de Estradas de Ferro Mogiana, o inglês James John Mellor, que foi contratado por um dos coronéis da cidade para a elaboração do mesmo. No entanto, as classes dominantes da futura Uberlândia queriam que a cidade expandisse mais o seu progresso.

Em 1909 foi construída a Ponte Afonso Pena sobre o Rio Paranaíba, o que proporcionou a Uberabinha um contato com o sudoeste e o sul de Goiás. Outro ponto positivo para a cidade foi, também, a construção de uma estrada de rodagem que ligava aquela referida Ponte. Esta obra, realizada em 1912, foi iniciativa do Sr. Fernando Vilela, empresário e dono da Companhia Mineira de Auto – Viação Intermunicipal.

Esses três empreendimentos (Mogiana, Ponte Afonso Pena e a estrada de rodagem) ajudaram a cidade de Uberabinha a ser um local estratégico de entreposto de mercadorias. Paralelamente, o comércio foi se firmando como ponto forte na cidade e a mesma já denotava um certo crescimento econômico.

O nome Uberabinha já não preenchia os anseios das classes dominantes locais, que externava, em seus discursos, que o progresso fazia-se presente na cidade. Em 1929, o então governador do Estado de Minas Gerais, Antônio Carlos de Andrade, sancionou a lei que mudava o nome da cidade. Agora a mesma passaria a se chamar Uberlândia, que significa terra fértil (radical germânico Uber + radical latino land).

A escolha desse nome para a cidade foi propício para a confirmação do discurso ufanista que as classes dominantes locais pregavam na região. A partir da década de 1930, a cidade de Uberlândia passa a ter destaque no cenário político nacional, já que a mesma apoiou o golpe de Estado realizado por Getúlio Vargas em 1930.

Nos anos de 1940, cogitou-se o nome de Uberlândia para ser a nova capital do país, já que a constituição de 1891 determinava que o distrito federal fosse transferido para a região central do Brasil. Entretanto, esta idéia não prosseguiu adiante. Na década seguinte, a cidade registrou um significativo crescimento populacional. Isto porque o seu desenvolvimento econômico já estava solidificado e a partir de 1956, com a construção de Brasília, a mesma foi beneficiada pela malha rodoviária, pois a distância entre ambas é de 434 km.

A cidade de Uberlândia, porém, tinha carência muito grande em relação ao ensino superior. As escolas secundaristas: colégio Mineiro (atual Escola Estadual de Uberlândia) e Liceu desempenhavam um papel importante na educação local. Todavia, as classes dominantes locais queriam que a cidade tivesse uma universidade, já que esta era uma realidade vivenciada por vários lugares do país.

Em relação à constituição de universidades no Brasil, estas foram instaladas no país muito tarde. Somente no início do século XX, a primeira efetivamente foi criada. Na Europa, este estabelecimento teve início da Idade Média, a Universidade de Bolonha (Itália) fundada em 1088 é considerada a pioneira neste tipo de ensino. Daí em diante foram surgindo outras universidades: Paris (França – 1150); Salamanca (Espanha – 1215); Heidelberg (Alemanha – 1821); México (México – 1551); Buenos Aires (Argentina -1821); Atenas (Grécia – 1837) entre outras. No Brasil como já salientamos anteriormente a formação de universidades só veio ocorrer a partir de 1920.

No período colonial o país viveu sob a tutela de Portugal. A ordem religiosa Companhia de Jesus “Mantinha, nos centros urbanos mais importantes da faixa litorânea, colégios para ensino das primeiras letras, para o ensino secundário e superior”⁵. Ensino ministrado pelos jesuítas nos séculos XVI, XVII e XVIII (até 1759 os mesmos tiveram hegemonia, pois, após a nomeação do Marquês de Pombal (1750) como primeiro ministro do Rei de Portugal, estes foram expulsos da metrópole e das colônias que a ela pertenciam) visava a formação de padres missionários, oficiais de justiça, da fazenda, da Administração e ilustrar as classes dominantes.

A transferência da corte portuguesa em 1808 para o Brasil buscou modificar essa herança deixada pelos jesuítas. Era necessário formar burocratas para o Estado,

[...] os cursos de Direito foram os mais importantes dos que cumpriam essa função, pois, os bacharéis tinham na atividade cotidiana de elaborar, discutir e interpretar as leis, a tarefa principal de formular e renovar as ideologias que legitimavam as relações de dominação mantidas e dissimuladas pelo aparato jurídico⁶.

O ensino superior no império foi modelado para suprir a carência administrativa da monarquia. A citação acima confirma essa assertiva ao enfatizar a importância do bacharel em Direito. Outros cursos também foram criados: Engenharia militar, Agronomia, Química, Desenho Técnico, Economia política, Arquitetura e a Escola de Belas Artes (fundada em 1816). Esses cursos funcionavam de forma isolada, e a idéia de estabelecer uma universidade, começou a ser cogitada no final do século XIX, quando os liberais republicanos almejavam instituí-las no Brasil com o intuito de preparar as elites intelectuais para conduzir a população brasileira.

⁵ CUNHA, Luiz Antônio. **A universidade temporã**. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora, 1986, p.23.

⁶ CUNHA, Luiz Antônio Op. Cit. p. 68.

A deposição de D. Pedro II ocorrida em 15 de novembro de 1889 - que instituiu o novo regime político no país, a República, não conseguiu, num primeiro momento, promover a criação de universidades, pois muitos membros do exército, médicos e engenheiros que tiveram a sua formação na França trouxeram consigo idéias do Positivismo de Auguste Comte e esta doutrina enfatizava que a Universidade era uma instituição retrógrada.

No início dos novecentos surgiram três universidades de caráter passageiro, mas, que impulsionaram o surgimento de outras. Foram elas: Universidade de Manaus (1909); Universidade de São Paulo (1911) e a Universidade do Paraná (1912). Todas elas foram dissolvidas devido à falta de subsídios estatais.

A Primeira universidade bem sucedida no Brasil só se daria 7/set./1920 quando foi criada a Universidade do Rio de Janeiro. Alguns estudiosos afirmam que a mesma foi criada após a visita do Rei Alberto da Bélgica na capital do país. O que importa é que ela impulsionou o surgimento de outros estabelecimentos.

A Universidade de São Paulo, criada em 25 de janeiro de 1934, representou um marco no ensino superior no Brasil. Arquitetada pela Comunhão Paulista (grupo ligado ao Jornal Estado de São Paulo, que tinha como presidente Júlio de Mesquita Filho e integrante dessa sociedade; Armando de Salles Oliveira e Fernando Azevedo), a proposta era resgatar os valores paulistas derrotados pela revolução Constitucionalista de 1932 e de formar,

a elite que teria condições de propor um projeto para a nacionalidade que estivesse acima das paixões partidárias, na medida em que ela é concebida pelas iniciativas particulares, esclarecidas e sustentadas em todas as classes e direções.⁷

A Comunhão Paulista visava formar a elite intelectual para conduzir a nação ao seu projeto político liberal. A instalação da Universidade de São Paulo seguiu o estatuto formulado pelo então Ministro da educação do governo Getúlio Vargas (1930 – 1945), Francisco Campos. O mesmo editou o decreto nº19.851 de 11 de Abril de 1931, que determinava que uma universidade somente seria formada se existissem três Institutos incluídos na mesma e também, que tivesse uma Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras.

Assim fizeram os organizadores da USP. Contrataram professores alemães, franceses, italianos, portugueses e espanhóis, para darem um respaldo maior à instituição. Nas décadas seguintes, paulatinamente outras universidades foram surgindo, porém foi no regime militar que tiveram um crescimento significativo.

⁷ CARDOSO, Irene, R. **A universidade da Comunhão Paulista**. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1982, p.29.

A Universidade Federal de Uberlândia foi uma dessas. E esta é a proposta do nosso trabalho: mostrar como essa instituição de ensino superior foi construída. A escolha desse tema nos foi possível devido ao estágio que realizei no Setor de Arquivo Geral da UFU durante dois anos (03/2004 a 03/2006). Lá tive contato com: Atas, ofícios, Estatutos de todas as faculdades, que surgiram a partir de 1957 até a culminação da UFU em 1978.

A monografia teve como fontes: livros, teses, jornais e uma entrevista oral, com o Sr. Rondon Pacheco, personagem de destaque neste processo de formação da UFU. O seu relato serviu de um valioso documento, para entendermos a gestação da Universidade Federal de Uberlândia. Segundo Jacques Le Goff, “todo documento é mentira cabe ao historiador não fazer o papel de ingênuo”⁸. Por isso, a nossa pesquisa fará um contraponto do depoimento do Sr. Rondon Pacheco com o nosso material pesquisado.

O trabalho está assim estruturado: no primeiro capítulo, descrevemos a cidade de Uberlândia nos anos de 1950 e o nascimento das primeiras faculdades na mesma. O segundo capítulo está dividido em três subitens: no primeiro, faremos um breve comentário acerca do golpe civil-militar ocorrido em 1964 e as suas conseqüências para o ensino superior; o segundo enfatizamos a atuação de Rondon Pacheco no ministério da Casa Civil do governo Costa e Silva e a sua importância na instalação da faculdade de medicina e na unificação das faculdades de Uberlândia em 1969 e o último item trata das tensões ocorridas quando a transferência da faculdade de Medicina Veterinária de Tupaciguara para Uberlândia, alguns diretores das antigas faculdades rejeitaram doar o seu patrimônio à Universidade e ainda deve se considerar a resistência da faculdade federal de Engenharia em se integrar à Universidade de Uberlândia.

Essa é a proposta do nosso trabalho: mostrar como paulatinamente a Universidade Federal de Uberlândia⁹ foi construída através da ação de suas classes dominantes locais. Vamos lá então verificar cada passo dessa caminhada...

⁸ LEGOFF, Jacques. **Documento/Monumento** In: Enciclopédia Einaudi. Vol. Porto: Imprensa Nacional, 1985, p.103.

⁹ A Universidade Federal de Uberlândia é hoje uma instituição sólida de ensino. A mesma possui: 4 campus (o campus Ituiutaba passa a funcionar em 2007); 34 cursos de graduação; 22 cursos de pós – graduação; 1276 docentes; 12.431 alunos matriculados; 3.325 técnicos administrativos; 4 bibliotecas; 338 laboratórios, 3 fazendas experimentais; 2 restaurantes universitários; 8 anfiteatros; 1 emissora de televisão; 1 emissora de Rádio FM; 1 imprensa universitária; 216 Atividades de extensão e 2 programas de ingresso na Instituição (vestibular – Semestral e PAIES – Programa Alternativo de Ingresso ao Ensino Superior – Anual) Fonte: **UFU em números**. Uberlândia: Gráfica UFU, 2006.

CAPÍTULO I

O alicerce da Universidade Federal de Uberlândia

Veio a onda de progresso numa fúria implacável e transformou o cenário primitivo do povoado no belíssimo painel, retratando a encantadora Uberlândia atual.

(Cidade dos sonhos meus: memória histórica de Uberlândia, Jerônimo Arantes).

1.1 Os anos 1950 e a cidade de Uberlândia

Uberlândia, ali por volta dos idos de 50..., apresentava um índice de crescimento e desenvolvimento material muito grande, já denotando o que seria posteriormente a cidade como um centro de atração de toda a região. Como uma cidade que se desenvolvia muito rapidamente, seu aspecto material denotava níveis positivos. Entretanto, Uberlândia, do ponto de vista da cultura, do ponto de vista da educação, mais especificamente, apresentava uma série de deficiências; o que existia nesse universo da cultura e da educação era muito reduzido: algumas escolas secundárias, escola de contabilidade, cursos técnicos e os chamados cursos primários. A cultura universitária era inexistente e de um modo geral, o desenvolvimento das Letras, das Artes, passava pelo aspecto da pobreza¹⁰.

Neste depoimento do senhor Durval Garcia, percebe-se um tom de descontentamento pela ausência de ensino superior na cidade de Uberlândia no começo dos anos 1950. Este quadro mudaria, a partir de 1957 com a criação do Conservatório Musical de Uberlândia, primeira faculdade da cidade. Daí em diante outras foram surgindo até a culminação em 1978 da Universidade Federal de Uberlândia.

Discorrer sobre a formação da UFU, enfatizando os interesses políticos e os conflitos ocorridos em todo o seu processo de construção é a preocupação deste trabalho. Porém, antes de entrarmos especificamente neste assunto, iremos, num primeiro momento, retratar a cidade de Uberlândia no seu aspecto político-econômico durante a década de 50.

Na introdução dessa monografia, relatamos de forma sucinta, que desde o seu nascedouro Uberlândia lutou para ser grandiosa. Pois,

[...] constantemente ressaltou-se que a cidade está fadada ao progresso, seu destino está traçado, o futuro é prenhe de progresso, não obstante, esse futuro parece estar muito distante. Porém, nos anos 50, o progresso começa a assentar em Uberlândia¹¹

Esta cidade, na qual as classes dominantes locais sempre apregoaram ser um local de prosperidade vivenciou, a partir dos anos 1950, como bem assinala essa passagem acima, uma concretização desse “progresso”.

A administração do então prefeito Tubal Vilela da Silva (1951-1954) é ressaltada por alguns membros da sociedade uberlandense como uma das melhores que a cidade já teve pois, este proporcionou à mesma os “melhoramentos”¹² necessários. Segundo, Renato de Freitas,

¹⁰ Caetano, Coraly G. e DIB, Miriam. M. **A ufu no imaginário social**. Entrevista com Durval Garcia. Uberlândia: Gráfica UFU, 1988, p.8.

¹¹ DANTAS, Sandra M. **Veredas do progresso em tons altissonantes**. Uberlândia (1900-1950). Dissertação Mestrado em História. Uberlândia: UFU, 2001, p.67.

[...] tive a satisfação de ver a eleição daquele que, hoje eu reforço foi o maior prefeito que Uberlândia já teve. Ele pegou uma cidade pequena, sem dinheiro e conseguiu nela colocar água, assim como luz em todos os distritos. Construiu o mercado e realizou serviços de calçamento¹³.

Estas palavras de Renato de Freitas¹⁴ demonstraram com “louvor” os feitos do prefeito Tubal Vilela da Silva, visto que era necessário realçar a imagem da cidade moderna e dinâmica, que as classes dominantes propagaram ser Uberlândia para a região.

O censo de 1950¹⁵ comprova a eficiência dessa imagem construída em torno de Uberlândia. A cidade já contava com 56.751 habitantes, nota-se, um crescimento de 34,55% em relação à década anterior, que era de 42.179 ha. No entanto, a “cidade jardim”¹⁶, ocultava as suas mazelas sociais através de vigoroso controle social¹⁷, pois, “o sonho de uma ordem servia para perpetuar o poder e conservar a estrutura sócio-econômica e cultural que esse poder garantia”.¹⁸

A manutenção desse poder conservador objetivava seguir a ótica do capital, que visava assegurar a legitimidade do binômio ordem/progresso a qual a cidade postulava para toda a região.

Em 1954, o prefeito Tubal Vilela da Silva solicitou,

Um planejamento urbano completo onde todas as diretrizes do desenvolvimento foram traçados, objetivando a expansão e o crescimento ordenado da cidade. Este trabalho, elaborado pela equipe do engenheiro Otávio Roscoe, chefe de divisão do Departamento Geográfico do DER de Minas Gerais, constitui-se em documento valioso no sentido de conter, em embrião a maior parte das transformações pelas quais a cidade iria passar [...]¹⁹.

A preocupação em modelar a cidade trazendo um aval de um “especialista”, já que o mesmo fora elaborado por um engenheiro do DER-MG garantiria à Uberlândia a continuidade

¹² A inauguração em 1954 das caixa d'água na avenida Floriano Peixoto próximo ao Juca Ribeiro foi um marco da gestão de Tubal Vilela da Silva.

¹³ CAETANO, Coraly G e DIB, Miriam M. Op. Cit. P.5 depoimento de Renato de Freitas.

¹⁴ Renato de Freitas fora vereador em dois momentos (1951-1954); (1955-1959) e exerceu o poder executivo entre 1967-1970 e 1973-1976.

¹⁵ Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.(IBGE)

¹⁶ A preocupação com a higiene urbana, proporcionou a cidade esse adjetivo nos anos 40.

¹⁷ Um novo código de posturas foi promulgado em 1950.

¹⁸ RAMA, Angel. A cidade ordenada. IN: **A cidade das letras**. São Paulo: Brasiliense, 1985, p.32.

¹⁹ MACHADO, Maria C.T. Muito aquém do paraíso: ordem, progresso e disciplina em Uberlândia IN: **História e Perspectivas**. nº4 jan/jun/1991 Uberlândia: Edufu, 1991, p.59.

de ser um lugar onde a inovação é algo perene. Pois, “urbanizar é conferir um aspecto moderno, regular o presente e prever as demandas futuras”²⁰.

Este novo planejamento urbano encomendado pela prefeitura municipal propunha-se: abrir mais as avenidas centrais e ligá-las aos bairros mais próximos; construções de novas estações: ferroviária e rodoviária; um centro administrativo; um cemitério, um estádio municipal, um playground e mais aberturas de casas comerciais no centro da cidade²¹

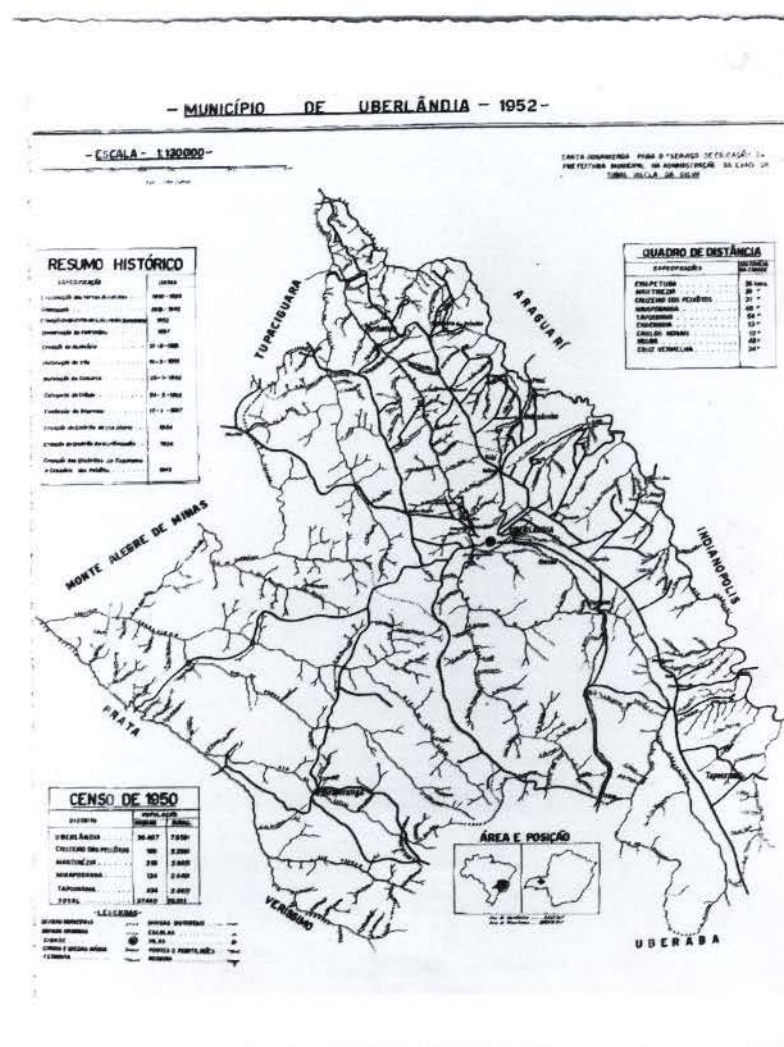


Figura 1 - Mapa da cidade Uberlândia -1952

Fonte: APM/PMU

O plano de urbanização, no entanto, não foi totalmente executado, talvez pelo seu alto custo de aplicação. Todavia, a partir de 1955, a cidade de Uberlândia passa a ser agraciada

²⁰ BRESCIANI, Maria Stella. História e historiografia das cidades, um percurso IN: **Historiografia brasileira em perspectiva**. São Paulo: Contexto, 1998, p.255.

²¹ DEPARTAMENTO GEOGRÁFICO DO SERVIÇO PÚBLICO DO ESTADO DE MINAS GERAIS. Plano de urbanização da cidade de Uberlândia. Belo Horizonte: SERVIÇO PÚBLICO do ESTADO DE MINAS GERAIS, 1954 fonte APM/PMU.

com o eufórico “desenvolvimentismo” que o Brasil estava vivenciando com o presidente Juscelino Kubitschek (1956-1961), que,

[...] representava ao lado de uma posição inovadora quanto à industrialização e ao crescimento econômico uma aliança política conservadora, que reunia os interesses da burguesia comercial, da oligarquia viral e da classe média tradicional, representadas no PSD (Partido Social Democrático) e no PTB (Partido Trabalhista Brasileiro)²².

Este jeito de fazer política de Juscelino Kubitschek permitiu que o mesmo servisse aos interesses das classes dominantes como está enfatizado nessa citação acima, mas também que se tornasse para a população brasileira, o presidente “risonho” e “bossa nova”, que impulsionou a industrialização, a cultura e o crescimento urbano.²³

A construção da nova capital, Brasília, impulsionou para a cidade de Uberlândia a viabilização da malha rodoviária o que proporcionou para a mesma a sua reafirmação com um local de entreposto de mercadorias. O quadro abaixo descreve o crescimento que a cidade obteve nos anos J.K. em produção e arrecadação de impostos.

Boletim do IBGE
Conselho Nacional de Estatística
Agência Municipal de Estatística
Produção e Arrecadação de Uberlândia

Produção

Ano	Agrícola (Cr\$)	Indústria (Cr\$)	Pecuária (Cr\$)
1956	115.999.650,00	1.1349.008.691,00	331.494.400,00
1957	156.286.200,00	1.514.736.301,50	359.099.400,00
1958	182.572.000,00	1.182.120.000,00	377.822.000,00
1959	186.332.900,00	2.262.635.312,00	478.075.000,00
1960	286.370.550,00	3.500.000.000,00	602.445.000,00
1961	372.499.450,00	5.277.446.472,40	1.068.786.000,00

²² BENEVIDES, M. V. O governo Kubitschek: A esperança como fator de desenvolvimento IN: GOMES, A.C. (org). **O Brasil de J.K.** 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002. p.26.

²³ O plano de metas do governo J.K. visava desenvolver o Brasil com o lema “50 anos em 5”, tal plano tinha como investimentos: setores de energia, transporte, alimentação, indústrias de base, educação e Brasília como meta síntese.

Arrecadação

Ano	Federal (Cr\$)	Estadual (Cr\$)
1956	56.120.231,10	102.060.540,40
1957	56.742.147,20	135.154.852,30
1958	70.701.252,00	183.098.350,80
1959	109.945.105,30	282.069.293,00
1960	151.537.489,80	422.915.756,80
1961	193.279.410,90	646.547.681,90

Tabela 1 – Produção e Arrecadação do município de Uberlândia(1956-1961)

* Fonte: TEIXEIRA, Tito. **Bandeirantes e pioneiros do Brasil Central**, v.1. Uberlândia: Editora Gráfica Uberlândia, 1970, p. 87.

Ao observar estes dados, nota-se, por exemplo, que a produção industrial quase quadruplicou de 1956 a 1961. O mesmo ocorreu com a arrecadação federal de impostos. Este fator de crescimento se deveu à conjuntura político-econômica adotada pelo governo federal e também pelas ações das classes dominantes locais, que sempre buscaram impulsionar a importância de Uberlândia na região.

Com todo esse desenvolvimento se consolidando, a cidade ainda estava carente de escolas superiores²⁴. Porém, uma comissão formada por: políticos, empresários e profissionais autônomos começou a se mobilizar para suprir a falta de faculdades na cidade de Uberlândia. Por isso, nas próximas páginas retrataremos a criação de cada faculdade e ação de alguns políticos em prol de tornar a cidade um lugar atrativo e prestigiado na região.



Figura 2 - Avenida João Pinheiro, em Uberlândia, nos anos de 1950.

Fonte: CDHIS/UFU

²⁴ Apesar de existir apenas uma faculdade na cidade foi aprovada na Câmara Municipal, a lei nº 783 de 23/10/1959, que cedia terrenos da prefeitura para construção da cidade universitária.

1.2 O nascimento do ensino superior em Uberlândia

Como já foi salientado no tópico anterior, houve no começo dos anos 50 a formação de uma comissão pró-ensino superior na cidade. E um desses componentes, Homero Santos²⁵, promoveu juntamente com o jornal local, *O Repórter*, uma campanha:

Faculdade de Medicina para Uberlândia

As grandes datas e os grandes homens que brilham na História do Brasil, como pontos luminosos de um roteiro cívico fazendo nos lembrar com entusiasmo aqueles dias de glória do passado, que são orgulho patriótico de um povo, faz-nos viver de novo momentos de grande entusiasmo quando encontramos homens de amor infinito à sua terra e que procuram com todas as forças contribuir pelo seu progresso.

Tudo o que se chama recordar se junta a tudo o que se chama esperar.

Recordar com emoção, esperar com confiança e ânimo para conseguir.

Miremos do alto do monte tudo aquilo que nos poderá ser útil em benefício do presente e salvaguarda do futuro.

Há uns 50 anos atrás, Uberlândia não era senão um grupo de homens desejosos de fazer nossa terra, terra de coletividade culta e progressista. Onde existia apenas um grupo, hoje é uma coletividade cheia de entusiasmo e de amor ao trabalho e à cultura.

E tudo isto por quê?

Porque Uberlândia era um grupo de Pereira, de Carrijo, Freitas, Rezende, Costa Pacheco, Rodrigues da Cunha, Marquês, Amorim, Vilela, Teixeira, Carneiro e tantos outros que com capacidade, honradez e amor a terra, lutaram e deixaram essa maravilha que se chama Uberlândia.

Dessas famílias associadas no mesmo pensamento por instinto de defesa e amor à terra é que saíram os homens providenciais formando com as novas famílias que aqui se transportaram, o núcleo forte e poderoso que é hoje.

Que tarefa e que obra. Obra de energia e de cultura efetuada por alguns homens, um grupo e uma elite.

E hoje?

Quantas famílias que trazem a marca no nome a marca do progresso e da inteligência?

São inúmeras, citá-las seriam impossível nesse artigo.

Mas um dia, há de ser – por algum uberlandense formado em nossa cidade, depois de aquilatar do porque e como conseguiu se formar – escrito para as novas gerações, os nomes dessas famílias que são o baluarte de nosso desenvolvimento.

E agora mais do que nunca, faz-se sentir essa força quando levanta em nossa cidade um movimento como este de uma faculdade de medicina.

E com isso verificamos com entusiasmo toma conta do povo desejoso de ver essa terra sempre em desenvolvimento através de uma campanha como essa que iniciamos por uma faculdade de medicina.

Discute-se hoje nas ruas e nos lares, a possibilidade de possuímos a nossa faculdade.

Relembramos com prazer a grandiosa obra que nossos antepassados iniciaram e é um dever de todo uberlandense continuá-la e engrandecê-la, para o benefício nosso e das futuras gerações.

²⁵ Homero Santos (1930-) natural de Uberlândia se formou em Direito pela Universidade do Rio de Janeiro. Em sua vida política exerceu os seguintes cargos: vereador de 1954 a 1962 (PSD), deputado estadual de 1963 a 1970 (PSD – Arena); deputado federal de 1971 -1988 (Arena – PDS) e (1988 - ?) Ministro do Tribunal de Contas da União.

Certos de estarmos contribuindo para essa obra é que para o estudo, o preparo, a delimitação do trabalho a ser empreendido, propomos quanto à instalação de uma faculdade, a organização de uma comissão por iniciativa do Sr. Prefeito Municipal e da Sociedade Médica para discutir a questão e fixar o meio de a resolver.

Ao governo, caberá depois dar força à solução que essa comissão prepuser, e elevá-la por diante com auxílio e colaboração dos homens de boa vontade capitalistas, industriais, comerciantes e políticos, interessados no desenvolvimento de Uberlândia.

Confiamos na promessa do Sr. Prefeito Tubal Vilela da Silva de que Uberlândia terá uma comissão para estudar a questão e esperamos que transforme em ação essas palavras.

Uberlândia precisa de uma faculdade.²⁶

Nas palavras iniciais de Homero Santos, notamos a exaltação do passado “glorioso” em que é frisada a ação daqueles “homens de amor infinito à sua terra”, que se empenharam em fazer da cidade de Uberlândia, um lugar de progresso. No decorrer do mesmo, Homero Santos cita o nome dessas famílias, que “fizeram” o crescimento da cidade. Ele deixa claro, que foram somente aquelas, que proporcionavam o desenvolvimento para Uberlândia, ou seja, o restante da população permaneceu alijada desse processo.

Este preceito de Homero Santos visa “influenciar e orientar a sensibilidade coletiva”²⁷ para a concretização de seu projeto político, pois ele acentua claramente que a cidade de Uberlândia necessitava não de uma faculdade qualquer, mas sim de “medicina”. E o mesmo conclama para que a população tome o exemplo das “grandes famílias” uberlandenses, para que esta seja uma realização de todos.

Por motivos desconhecidos, não conseguimos em nossa pesquisa descobrir o porquê do insucesso dessa campanha realizada por Homero Santos e pelo Jornal *O Repórter*. Entretanto, esta comissão citada em seu artigo, continuou atuando em prol da criação do ensino superior em Uberlândia²⁸.

A efetivação da primeira faculdade na cidade, o Conservatório Musical, ocorreu somente em 1957. Mas, antes de detalharmos com mais precisão este fato vamos salientar ao leitor, que realizamos uma entrevista recentemente com o senhor Rondon Pacheco. Não queremos dizer com isso que outros depoimentos não estarão aqui registrados, mas o que queremos enfatizar nesse trabalho é o olhar daquele político para com a formação da Universidade Federal de Uberlândia.

²⁶ *O Repórter*. Ano 19 nº11. 456 – 19/01/1952 4ª página. Os grifos são nossos.

²⁷ BACZKO, Bronislaw. Imaginação social IN: *Enciclopédia Einaudi* Porto: Imprensa Nacional, 1985, p.324.

²⁸ “A comissão de Uberlândia pró/instalação de Escolas Superiores já se encontra no Rio de Janeiro em plena atividade”. Já em atividade os uberlandenses. *Correio de Uberlândia*. Ano XVIII nº 4.284. 03/01/1956 p.1

O contato com o entrevistado “pode nos dar contextos novos que os documentos, por si mesmos, apesar de muitos trabalhados, não fornecem”²⁹. Por isso, nessas linhas subseqüentes, mostraremos, através das palavras de Rondon Pacheco, a criação do ensino superior em Uberlândia.

Rondon Pacheco nasceu no dia 31 de julho de 1919 em Uberlândia, filho de Raulino Cota Pacheco e Nicolina dos Santos Pacheco, ele nos conta que iniciou sua vida política,

Pela vocação irresistível, eu fui político, eu tinha vocação de liderança na faculdade superior onde estudei, na faculdade de Direito da Universidade de Minas Gerais. Lá, eu fui eleito presidente do Direito Acadêmico, o órgão oficial da escola, representativo do corpo discente e... desde muito jovem já tinha essa vocação aqui no ginásio na conclusão de curso eu fui o orador da turma. Escolhido por todos os colegas e então era uma vocação natural. No interesse de servir à causa da escola, à causa do estudante, à causa do bem comum.³⁰

Nesta fala de Rondon Pacheco, percebe-se o seu tom de predestinação pela política, pois ele se considera um líder nato, que servia “à causa do bem comum”. As suas lembranças em sendo o orador da turma no colégio mineiro, atual Escola Estadual de Uberlândia (Museu) e presidente do Diretório acadêmico do curso de Direito onde se formou em 1943, pela Universidade de Minas Gerais o faz se sentir como uma pessoa carismática perante a comunidade estudantil. A sua atuação como político ocorreu em 1946, quando foi eleito para a Assembléia Legislativa de Minas Gerais, pela,

[...] União Democrática Nacional..., depois fui eleito para a Câmara Federal e lá cumpri sucessivos mandatos. Ih! Durante o exercício do seu mandato, fiel à grande aspiração que sentíamos na sociedade uberlandense no sentido de criar as suas escolas superiores. Eu me coloquei também com um dos líderes dessa causa e começamos o trabalho criando escolas isoladas.³¹

Os mandatos que Rondon Pacheco faz referência na Câmara Federal compreenderam o período de 1950 a 1966 onde o mesmo, além de ter pertencido à legenda da UDN, também fez parte da Aliança Renovadora Nacional (Arena) a partir de 1966. Em relação à campanha, a favor da criação do ensino superior em Uberlândia, ele se coloca como “um dos líderes dessa causa”, já que ele também compartilhava da “aspiração” da “sociedade uberlandense” pela implementação de faculdades.

²⁹ SAMUEL, Raphael. Documentação História local e história oral IN: **Revista Brasileira de História** v.9 n° 19 set.89/fev.90. São Paulo:1990, p.231.

³⁰ Entrevista com o Sr. Rondon Pacheco. Os grifos são nossos.

³¹ Entrevista com o Sr. Rondon Pacheco. O grifo é nosso.

Em suas memórias, Rondon Pacheco situa a Faculdade de Filosofia como a primeira escola superior na cidade. Entretanto, este posto pertence ao conservatório musical. Criado em 1957 pela ação particular da senhora Cora Pavan Caparelli, esta faculdade teve a ajuda incisiva do Ministro da Educação e Cultura, Clóvis Salgado da Gama (1956-1960) em sua constituição, já que o mesmo fazia parte do círculo de amizades da Senhora Caparelli. Entretanto,

[...] começamos como uma pequena escola, mas eu tinha muitos alunos em casa, levei-os para o Conservatório e enfrentei uma série muito grande de dificuldades, inclusive com respeito à questão de sermos escola superior ou não. Havia um descrédito muito grande.³²

Por ter sido fundado no papel primeiro, o conservatório musical enfrentou esse descrédito devido à sua falta de estrutura física e administrativa em sua composição. O seu corpo docente era precário e os poucos que pertenciam à instituição não tinham uma boa remuneração. Em 1961, ao diplomar a primeira turma, a senhora Cora Pavan Caparelli teve dificuldades no registro dos mesmos, Por isso,

tivemos que fazer totalmente o processo de autorização, e o processo de reconhecimento foi iniciado. Eu não me acanho de dizer que tudo me apresentava tão difícil que o primeiro processo de reconhecimento do curso que eu montei teve 72 mudanças. [...] tive que contratar muitos professores para ter um número suficiente à altura de um curso superior. Começaram a vir a Uberlândia o maestro Camargo Guarnieri, a Isabel Mourão, a professora Beatriz Cardoso Monteiro e outros tantos para que a escola funcionasse devidamente e pudéssemos ver os nossos cursos reconhecidos, o que aconteceu em 1975.³³

Nestas palavras da senhora Cora Pavan Caparelli fica evidente que o Conservatório Musical foi criado por uma relação de clientelismo e não de uma forma organizada e coerente como instituição de ensino superior deve ser.

O ideal das classes dominantes uberlandenses em continuar com a efetivação de faculdades na cidade prosseguiu em 1960 com a,

Faculdade de Direito
Aula inaugural hoje

Consoante divulgação anterior, realizar-se-á hoje, às 20:30 horas, no salão nobre do Uberlândia Clube, a aula inaugural da Faculdade de Direito, que está a cargo do

³² CAPARELLI, C. P. Apud CAETANO, C. G. e DIB, M. M. **A UFU no imaginário social de Uberlândia**: Gráfica UFU, 1988, p. 15.

³³ CAPARELLI, C. P. op cit. p. 16.

professor Antônio Luiz Gama e Silva, ilustre diretor da Faculdade de Direito da Universidade de S. Paulo, gentilmente convidado para esse ato solene. Uberlândia com muito merecimento e justiça se exulta de alegria pelo auspicioso acontecimento. Por certo o vasto salão do Uberlândia Clube será pequeno para conter a assistência interessada em presenciar a primeira aula, ouvindo um dos mais competentes e brilhantes advogados do Brasil, e prestigiar a Faculdade de Direito de Uberlândia.³⁴

A faculdade de Direito foi planejada por iniciativa do então vereador Homero Santos (PSD) juntamente com o advogado Jacy de Assis³⁵. Todavia, a faculdade também obteve o apoio do deputado federal Rondon Pacheco nesse processo, pois, como ele salienta, “eu encaminhei todos os papéis junto ao Ministério e tenho tudo documentado”³⁶.



Figura 3 - Faculdade de Direito, situada na Avenida Duque de Caxias, em 1960. Hoje neste prédio funciona a Central de Línguas da UFU (CELIM).

Fonte: CDHIS/UFU

Para Rondon Pacheco, a faculdade de Direito “interpretava essa grande aspiração da sociedade uberlandense”³⁷. Nota-se que ele, mais uma vez, justifica o “empenho” em fundar na cidade uma escola superior não como uma atitude isolada de um pequeno grupo, mas sim compartilhada por toda a população de Uberlândia. Segundo Portelli,

³⁴ **O Repórter**. Ano XXVII nº3.455 – 05/03/1960 p. 1.

³⁵ Jacy de Assis (1901 - ?) bacharelou-se em Direito pela USP em 1922. Veio para Uberlândia na década de 40, se elegeu vereador e foi presidente da Câmara Municipal por três anos (1947-1950).

³⁶ Entrevista com o Sr. Rondon Pacheco.

³⁷ Idem.

[...] não se pode submeter completamente a memória de nenhum indivíduo sob um marco de memória coletiva. Cada pessoa tem uma memória, de alguma forma, diferente de todas as demais.³⁸

Esta passagem de Alessandro Portelli evidencia que cada pessoa possui sua própria história, a sua própria memória, por isso, não se deve instituir que uma ideologia ou uma representação é algo partilhado por todos.

A constituição dessas faculdades na cidade de Uberlândia visava projetar a mesma no cenário nacional. A faculdade de Direito, por exemplo, ficou conhecida como sendo uma instituição de curso vago, pois, a frequência não era obrigatória. Aos sábados eram realizadas as provas. Por esse caráter, a procura de vagas foi muito grande o que, a posteriori, gerou um excedente de 500 alunos.

No mesmo ano em que surgiu a faculdade de Direito, também se constituiu a Faculdade de Filosofia, Ciência e Letras de Uberlândia (FAFIU), que, no depoimento de Rondon Pacheco, foi “a primeira escola isolada superior criada em Uberlândia foi a Escola das irmãs do colégio Nossa Senhora das Lágrimas que criou a faculdade de Filosofia”³⁹. Nós já salientamos anteriormente que o senhor Rondon Pacheco comete um deslize em afirmar essa assertiva, já que foi o Conservatório Musical de Uberlândia em 1957, a primeira escola superior.

A FAFIU, como observamos na passagem acima, teve uma orientação católica em sua formação, pois, as classes dominantes locais tinham receio “que outros grupos”⁴⁰ criassem uma faculdade de Filosofia com outros propósitos diferentes da tríade apostólica romana: pátria, família e religião.

De início, foram ministrados os seguintes cursos: Letras Anglo-Germânicas, Letras Neolatinas e Pedagogia e a partir de 1964, História; Matemática (1967); Ciências (1970); Geografia (1972); Química (1974); Psicologia (1975). Mesmo com poucos recursos humanos, a Faculdade de Filosofia continuou com sua obstinação em “formar intelectuais e letrados”.

A preocupação em ter na cidade de Uberlândia, profissionais qualificados para várias áreas motivou a atuação política de Rondon Pacheco no sentido de trazer para a mesma, a faculdade de engenharia. Em seu relato, ele enfatiza que,

³⁸ PORTELLI, Alessandro. **História oral e memórias**. Entrevista com Alessandro Portelli IN: História e Perspectivas (25 e26) jul/dez. 2001/jan/jul 2002. Uberlândia: Edufu,2002, p.31.

³⁹ Entrevista com o Sr. Rondon Pacheco.

⁴⁰ Assim eram chamados aqueles que seguiam as idéias socialistas. Desde a década de 20, as classes dominantes, os denominavam de “comunistas”.

[...] no governo Juscelino Kubitschek de Oliveira quando ele mandou uma mensagem ao Congresso criando a Escola agrotécnica de Bambuí, aqui no oeste de Minas. Eu que não tinha poder para apresentar um projeto, mas tinha o poder de apresentar a emenda. [...] Não tínhamos o poder de criar o projeto originário, porque não tínhamos o poder de criar cargos, aumentar despesas. Então eu apresentei a emenda. Um artigo no projeto do executivo criando a Escola de Engenharia de Uberlândia e foi aprovado. Foi tido a grande felicidade de ver aprovada esta minha iniciativa.⁴¹

Notamos, nessa passagem acima, a fala enfática de Rondon Pacheco em afirmar “que não tinha o poder para apresentar um projeto, mas tinha o poder de apresentar a emenda”. Isto denota a influência que o mesmo possuía nas relações políticas, e ele completa a sua fala enaltecendo a sua própria “iniciativa”.

A faculdade de engenharia, que a princípio ministrou os seguintes cursos: Mecânica e Química enfrentou também alguns empecilhos em sua implementação. Mesmo tendo conseguido a aprovação da emenda criando a faculdade de engenharia, Rondon Pacheco, não teve êxito quanto aos trâmites burocráticos da mesma, que somente foi aprovado,

[...] no governo de Jango né! Porque o Jânio renunciou... mais como era um resultado de um trabalho irrecusável, de um maior merecimento...

Aprovada então o funcionamento da faculdade (ocorrida em 1962) era necessário a mesma possuir um prédio próprio, para sua sede. Neste momento, destaca-se a atuação de Genésio de Melo Pereira, empresário, que,

[...] coordenou a constituição do patrimônio inicial da escola de engenharia. Ele foi uma peça decisiva para a implementação da escola... ele passou a se dedicar fulltime (todo o tempo), ele passou a direção das empresas para dirigir a faculdade de engenharia.⁴²

O que se percebe nesse relato é que o empenho na formação de faculdades na cidade vinham de grupos pertencentes à classe dominante local e não da “sociedade uberlandense” como Rondon Pacheco afirmara. O empresário Genésio de Melo Pereira conseguiu comprar o prédio, que pertencia à comunidade religiosa católica Salesiana, no bairro Santa Mônica e instalou ali a faculdade de engenharia.

⁴¹ Entrevista com o Sr. Rondon Pacheco. O grifo é nosso.

⁴² Entrevista com o Sr. Rondon Pacheco.



Figura 4 – Fachada do prédio da Faculdade Federal de Engenharia em 1965.
Fonte: CDHIS/UFU

O “entusiasmo” pelo ensino superior não parou por aí. A faculdade de ciências econômicas, que também fora criada no papel, pois não tinha espaço físico e nem corpo docente para atuar, teve a sua autorização para funcionar em 1963 com o curso de Ciências Contábeis. Esta faculdade era ligada à Faculdade de Direito que, por sua vez, tinha como mantenedora a fundação uberlandense de ensino. O primeiro diretor da faculdade foi o juiz Juarez Altafin, que enfrentou as dificuldades para a instalação da FACEU, pois,

Não havia um centavo de verba para o funcionamento! Tinha que, primeiro, criar a faculdade, com a difícil e necessária autorização federal; instalá-la, arranjar professores, fazer vestibular, para então, dirigi-la.⁴³

Neste relato de Juarez Altafin, percebemos que a “pressa” em constituir na cidade a faculdade não se obedeceu a um critério consciente na formação dos mesma. Tal postura reafirma o que já salientamos anteriormente: que as classes dominantes locais se logravam deste projeto pró-escolas superiores com o propósito de despontar a cidade de Uberlândia no cenário nacional.

A obstinação em atrair para a cidade indústrias e investimentos financeiros fez com que as classes dominantes buscassem formar jovens especializados para darem continuidade

⁴³ ALTAFIN, Juarez. **Primeiros tempos**. O início da Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia: Edufu, 1997, p.30.

nos projetos “progressistas” destes. No entanto, essa saga por escolas superiores não terminaria por aí.

No próximo capítulo, iremos discorrer sobre o surgimento da faculdade de medicina, a unificação das faculdades isoladas, os conflitos ocorridos após esse processo e a atuação de Homero Santos na aprovação da federalização da Universidade e é claro o ponto de vista de Rondon Pacheco sobre esses acontecimentos.

CAPÍTULO II

O difícil processo de acabamento da Universidade Federal de Uberlândia

[...] a universidade é uma instituição social, e nessa qualidade, ela exprime em seu interior a realidade social das divisões, das diferenças e dos conflitos (Marilena Chauí, Escritos sobre universidade).

2.1 A ditadura e o ensino superior no Brasil

[...] aconteceu uma revolução e... essa revolução saiu vitoriosa... se não saísse vitoriosa ela estaria subjugada e os revolucionários estariam todos na cadeia,né.Por crime de responsabilidade,que depuseram um governo constituído,mas o governo constituído estava também muito enfraquecido,tanto que ele acabou se entregando.⁴⁴

O golpe civil-militar, ocorrido no país em 31 de março de 1964, foi resultado da junção dos setores empresariais, da classe média, de uma parte dos militares, da igreja católica e também do governo norte-americano. A “revolução”, mencionada por Rondon Pacheco, proporcionou ao Brasil 21 anos de tensões e de medo, já que a política dos governantes militares impôs à população um rompimento com a democracia e com as liberdades individuais.

A deposição de João Belchior Marques Goulart (31/03/1964), o Jango com era conhecido, se processou através de uma intensa campanha contra o seu governo, que era intitulado pelos seus opositores de “comunista”. Seguidor do trabalhismo getulista (já que fora Getúlio Vargas seu padrinho na política), João Goulart passou por inúmeras crises no seu mandato presidencial (1961-1964).

A primeira delas foi em relação à sua própria posse como presidente da república .Após a renúncia de Jânio Quadros (1917-1992), ocorrida em 25 de agosto de 1961, Jango, de acordo com constituição democrática de 1946, deveria assumir o cargo. Entretanto, alguns setores militares não queriam que este assumisse o governo, pois, temiam que o mesmo fizesse um governo “esquerdista”,ou seja, socialista. E para piorar a situação, João Goulart estava visitando a China quando sucedeu esses acontecimentos o que de, certa forma, colaborava no discurso de seus opositores.

João Goulart retorna então para o Brasil, porém, teve que se sujeitar a um regime parlamentarista que lhe impuseram. Todavia, ele governou fazendo uma aliança com o Partido Social Democrata (PSD) com o intuito de conseguir a volta do regime presidencialista e esta sua atitude desagradou os seus correligionários do PTB (Partido Trabalhista Brasileiro) e também os sindicalistas, os camponeses, os estudantes, que esperavam que, no seu mandato, as “reformas” que tanto o país necessitava fossem então cumpridas.

⁴⁴ Entrevista como Sr. Rondon Pacheco. Os grifos são nossos.

Apesar de ter enfrentado estes descontentamentos por parte de seus aliados, “Goulart recuperara os poderes presidenciais em janeiro de 1963, depois de um plebiscito, com 9,5 milhões de votos contra dois milhões dados ao parlamentarismo”.⁴⁵ Entretanto, essa vitória não foi suficiente para acalmar os ânimos em seu governo.

Pressionado por greves, revoltas camponesas e por insatisfação de alguns setores militares, Jango resolve então pronunciar as suas “reformas de base”. Sexta-feira, dia 13 de março de 1964, Rio de Janeiro. O comício na Central do Brasil foi uma resposta aos anseios das classes populares,

Presidente de 80 milhões de brasileiro, quero que minhas palavras sejam bem entendidas por todos os nossos patrícios [...]. Hoje, com o alto testemunho da nação e com a solidariedade do povo, reunido na praça que só ao povo pertence, o Governo, e que é também o povo, e que também só ao povo pertence, reafirma os seus propósitos inabaláveis de luta com todas as suas forças pela reforma agrária, mas pela reforma tributária, pela reforma eleitoral ampla, pelo voto do analfabeto, pela elegibilidade de todos os brasileiros, pela pureza da vida democrática, pela emancipação econômica, pela justiça social e pelo progresso do Brasil.⁴⁶

João Goulart buscou com esse ato influenciar o congresso a aprovar as suas reformas. No entanto, ele não tinha noção do que viria ocorrer seis dias depois. Organizada por políticos, tendo como principal articulador o deputado federal paulista Antônio Silvio da Cunha Bueno (PSD) e a religiosa Ana de Lurdes (Lucília Batista Pereira, neta de Rui Barbosa), a “Marcha da Família com Deus pela Liberdade” representou o ensaio do golpe, que viria a suceder no dia 31,

Eu estive na Marcha da Família e, santo Deus, meio milhão de pessoas! Eu via todo aquele pessoal de classe média e alta puxando o cordão, padres, a máquina da Igreja a serviço daquilo. A grana estava lá e atrás da grana todas as pessoas que queriam grana. Pensei: isto não pode dar certo, lembra István Jancsó, diretor do Instituto de Estudos Brasileiros (IEB), na USP.⁴⁷

Nesta fala de István Jancsó fica evidente que a proposta da “Marcha da Família com Deus pela Liberdade” não estava sozinha em seu propósito de derrubar o governo⁴⁸. Como se vê nessa passagem, 500 mil pessoas participaram deste evento em São Paulo. O dia foi

⁴⁵ GASPARI, Elio. **A ditadura envergonhada**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002, p.47.

⁴⁶ Revista especial Caros Amigos. **O Golpe de 64**. nº 19, março de 2004, p. 38.

⁴⁷ Revista especial Caros Amigos **O golpe de 64**. Nº. 19, março de 2004, p.7.

⁴⁸ Esta manifestação teve apoio de alguns empresários e das seguintes entidades: CIA (Central de Inteligência Americana), IBAD (Instituto Brasileiro de Ação Democrática), IPES (Instituto de Pesquisas e Estudos Sociais), CAMDE (Campanha da Mulher pela Democracia), FAURL (Fraterna Amizade Urbana e Rural) e a SRB (Sociedade Rural Brasileira).

condizente com o lema da “marcha”. 19 de março, dia de São José considerado pela Igreja Católica como o “padroeiro da família”.

Os manifestantes partiram da Praça da República e se aglomeraram na Praça da Sé entoando palavras de ordem: “vermelho bom, só o baton”, “verde amarelo, sem foice, nem martelo”. A repercussão dessa “marcha” em São Paulo incentivou outras localidades a realizarem manifestação de desagravo ao governo. A cidade de Uberlândia foi uma delas. E mesmo após a deposição de João Goulart essas manifestações continuaram, mas com a denominação de a “marcha da vitória”.

O presidente João Goulart para Rondon Pacheco estava “enfraquecido” e acabou se “entregando” se viu acuado, pois, o país estava dividido e o mesmo afirmava que não queria derramamento de sangue. No entanto, o que se viu após a instalação da ditadura foi repressão, torturas, medo e morte. O primeiro presidente militar foi eleito,

[...] 10 dias depois nós elegemos o Castelo, presidente da república. Fato para constituir, para institucionalizar o país, né, porque o governo estava vago.⁴⁹

Nas palavras do senhor Rondon Pacheco fica evidente o seu apoio ao regime autoritário, que estava sendo instituído no Brasil em 1964. A eleição de Humberto de Alencar Castelo Branco (10/04/1964) na qual, Pacheco afirma ter votado a favor, representou a vitória da direita, da classe média, de uma ala da igreja católica, que temiam o “perigo comunista” no país.

Nos vinte e um anos que o Brasil vivenciou o regime ditatorial, cinco foram os governantes assim denominados: *tamanco, português, milito, alemão e figa*⁵⁰, ou seja, respectivamente: H.A. Castelo Branco (1964-1967); Arthur da Costa e Silva (1967-1969); Emílio Garrastazu Médici (1969-1974); Ernesto Geisel (1974-1979) e João Batista Oliveira de Figueiredo (1979-1985).

No governo de Castelo Branco foi decretado pelo ato institucional nº2 e instalou-se o sistema de bipartidarismo em que apenas a ARENA e o MDB⁵¹ poderiam ser as únicas entidades de representação política no país. Por essa atitude ficou claro que o regime “revolucionário” buscava de todas as formas não abrir espaço para a oposição.

A repressão a qualquer ato contrário ao regime viria com mais força no governo de Costa Silva que “foi o primeiro chefe a buscar uma legitimidade histórica para o golpe

⁴⁹ Entrevista com o Sr. Rondon Pacheco. 13/11/2006.

⁵⁰ GASPARI, Elio A ditadura envergonhada São Paulo: Companhia das Letras, 2002, p.39.

⁵¹ Aliança Renovadora Nacional e Movimento Democrático Brasileiro. Este sistema foi extinto em 29/11/1979.

engatando-o na composição ideológica dos movimentos militares dos anos 20”⁵². Eleito pelo congresso em 1966, Costa e Silva em meio a crise ocorrida não estava de brincadeira, quando em meio a crise ocorrida após o plenário federal ter tido negado cassação do deputado Marcio Moreira Alves (MDB) em 12 de dezembro de 1968, o mesmo reuniu os seus ministros para estudarem o Ato Institucional nº 5,

A mais audaciosa proposta veio de chefe do Gabinete Civil, Rondon Pacheco, um mineiro tímido que fizera sua carreira no congresso à sombra dos veneráveis liberais da UDN. Começou batendo na ferradura. Atacou a sugestão do estado de sítio. Mostrou que a constituição só permitia a suspensão das imunidades parlamentares, “pelo voto secreto, pelo voto secreto”, repetiu, de dois terço da casa a que pertencesse o congressista. Ou seja, o estado de sítio não permitiria a cassação de Marcio Moreira Alves. Rondon Pacheco declarou-se favorável ao ato, e Costa e Silva ia passando a palavra ao general Jayme Portella, quando o chefe do gabinete civil, surpreendido pela interrupção, pediu para continuar. Bateria também no cravo. Contou que já examinará várias propostas de atos e em todas as ocasiões sugeria “a conveniência política de se estabelecer prazo para o recesso, bem como um prazo também para o Ato Institucional, prazo que poderia ser de um ano.”⁵³

Como se vê nesta passagem, Rondon Pacheco concordava com o AI 5, no entanto, ele acreditava que seria viável determinar um prazo para o mesmo. Contradições a parte, Rondon Pacheco teve uma ascensão meteórica na política. Começara em 1946, como deputado estadual e vinte um anos depois se tornara ministro chefe da casa civil do governo Costa e Silva. No seu depoimento, ele nos conta que *fui convidado. Para ser ministro tem que ser convidado (risos) [...] é cargo de confiança*.⁵⁴ Nos tópicos subseqüentes, abordaremos a atuação de Rondon Pacheco no Ministério, principalmente no tocante ao ensino superior em Uberlândia.

Em relação à decretação do famigerado AI-5,

[...] era uma reedição dos conceitos trazidos para o léxico político em 1964. Restabeleciam-se as demissões sumárias cassações de mandatos, suspensões de direitos políticos. Além disso, suspendiam-se as franquias constitucionais da liberdade de expressão e de reunião.⁵⁵

O congresso foi novamente fechado e o pior de todos os artigos do AI-5 foi o de nº 10, que suspendia a garantia de habeas corpus, nos casos de crimes políticos contra segurança nacional. A partir daí, o Brasil vivenciou um dos momentos mais tristes de sua história, pois,

⁵² GASPARI, Op. cit, p. 270.

⁵³ GASPARI, Op. cit, p. 338. O grifo é nosso.

⁵⁴ Entrevista com o Sr. Rondon Pacheco.

⁵⁵ GASPARI, Op. cit, p. 340.

a perseguição, a tortura e a morte foram intensificadas com veemência neste período, principalmente no governo Médici (1969-1974).

A educação brasileira também sofrera nesses anos de chumbo. As universidades acabaram sendo as mais visadas. As demissões, as suspensões foram os dispositivos usados na academia para coibir qualquer ação contrária ao regime. Este mecanismo serviu tanto para professores, quanto para alunos e funcionários.

Na UNB (Universidade de Brasília), já nos primeiros dias da ditadura, o reitor Anísio Teixeira fora demitido sem justa causa, isto porque, ele representava a luta pelo ensino público e também era simpatizante do governo anterior (João Goulart). Em seu lugar foi nomeado um interventor, Zeferino Vaz, que dois anos mais tarde, ao deixar a UNB, promoveu a junção de algumas faculdades isoladas e ajudou na formação da UNICAMP (Universidade de Campinas).

Há quem também aproveitou-se desse momento de tensão na universidade,

O reitor Luís Antônio da Gama e Silva, ministro da justiça e da Educação nos primeiros dias do governo golpista, aproveitou o período de caça as bruxas para demitir professores que lhe faziam oposição e consolidou o seu poder na universidade. Mais tarde, como ministro da justiça do general-presidente Costa e Silva, o professor Gama e Silva notabilizou-se por trazer sempre à mão o rascunho de um elenco de medidas de endurecimento da repressão política, o que acabou vingando em 13 de dezembro de 1968.⁵⁶

No primeiro capítulo, tínhamos mencionado o nome do professor Luís Antônio da Gama e Silva, pois, o mesmo viera a Uberlândia em 1960 para a aula inaugural da Faculdade de Direito. Este mesmo professor em 1964 tornou-se reitor da USP (Universidade de São Paulo) e aproveitou da ocasião, como bem está enfatizado na citação acima, para demitir quem quer que fosse contrário a sua gestão. Porém, o fato de ter sido ele o redator do Ato Institucional nº5, o deixou na galeria daquelas personalidades não carismáticas na história do Brasil.

A coação também era regida no momento da contratação do professor, pois, este teria que apresentar um “atestado de ideologia”, ou seja, o mesmo teria que se humilhar e se sujeitar a uma declaração de sua posição política para conseguir então uma vaga na instituição de ensino a que pretendesse. Mas, não eram somente professores universitários que passariam por essa situação. Qualquer pessoa que quisesse trabalhar no MEC, nas secretarias, municipais ou estaduais de ensino teria que passar pelo mesmo processo.

⁵⁶ CUNHA, L. A e GÓES, M. **O golpe na educação**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985, p.37.

Os estudantes universitários sentiam o gosto amargo da lei nº4. 464/64 a chamada “lei Suplicy”, que os obrigava a votar nos componentes dos diretórios acadêmicos,

[...] mas, em contrapartida, limitava o campo de atuação do movimento estudantil, tomando as entidades presas fáceis da intervenção das direções das faculdades e das reitorias das universidades. Não sendo essa lei suficiente foi baixado o decreto-lei 228/67, arrochando ainda mais as amarras das entidades estudantis e ameaçando com punições os diretores e reitores [...].⁵⁷

Ou seja, ao impor essa determinação, o regime ditatorial buscava transformar as representações estudantis em entidades omissas e submissas à política em questão. Esses parâmetros repressivos não foram elaborados isoladamente pelos governos militares, aqueles tiveram influências da USAID⁵⁸, esta agência juntamente com o ministério da educação realizou vários acordos que *cobriram todo o espectro da educação nacional, isto é, o ensino primário, médio e superior, a articulação entre os diversos níveis, o treinamento de professores e a produção e veiculação de livros didáticos*⁵⁹.

A regra era essa: transformar a educação numa marionete da ditadura e submeter todos os graus de ensino aos preceitos estabelecidos pela ordem instituída. Estes acordos MEC/USAID reformularam as faculdades de Filosofia e Ciências Humanas, visto que estas deveriam formar “professores apenas para o magistério”. Os mesmos estabeleceram que a disciplina Estudos dos Problemas Brasileiros, deveria fazer parte do currículo de todos os cursos nas Universidades, pois, esta se destinava a “resolver os entraves sociais, políticos e econômicos do país”.

As tensões provocadas por esses acordos MEC/USAID no âmbito interno das universidades, promoveu por parte de alguns professores e alunos a não aceitação dessas determinações. Entretanto, o regime ditatorial buscou meandros para desestabilizar a organização daqueles. O decreto-lei nº 252/67, no artigo 11 postulava que,

É vedada aos órgãos de representação estudantil qualquer ação, manifestação ou propaganda de caráter político – partidário, racial ou religioso, bem como incitar, promover ou apoiar ausências coletivas aos trabalhos escolares⁶⁰

Este mesmo decreto que reprimia a atuação estudantil também definiu que áreas afins fossem agrupadas em departamentos, isto é foi a maneira encontrada para juntar no mesmo

⁵⁷ CUNHA, L. A e GÓES, M. **O golpe na educação**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985, p.85.

⁵⁸ United States Agency for International Development (Agência dos Estados Unidos para o desenvolvimento Internacional).

⁵⁹ CUNHA e GÓES Op.cit. p.33.

⁶⁰ ROMANELLI, Otaíza O. **História da Educação no Brasil (1930/1973)**. 28 ed. Petrópolis: Vozes, 2003, p.213.

‘lugar’ da universidade todos os professores, pesquisadores, laboratórios e outros recursos de um mesmo campo do conhecimento”⁶¹ ou seja, reduziria os gastos com o corpo docente, já que os mesmos ministrariam a mesma disciplina para alunos de vários cursos numa mesma sala e ao mesmo tempo este tipo de junção não conseguiria estabelecer uma homogeneidade entre os discentes.

Embora houvesse esse controle ideológico, o movimento estudantil não se daria por vencido. Pois,

Em 2 e 3 de outubro, o prédio da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP, na rua Maria Antônia (zona central) tem as instalações depredadas durante a famosa “batalha” entre estudantes da faculdade e alunos do Mackenzie. Coquetéis molotov, gás lacrimogêneo, paus e pedras foram atirados e o estudante secundarista José Carlos Guimarães, 20, que ajudava a turma da filosofia a fazer um pedágio para financiar congresso da UNE, morre com um tiro na cabeça.⁶²

Para evitar que cenas como essas se repetissem, o regime ditatorial baixou o decreto 477/69⁶³, que instituiu como infração disciplinar, os atos considerados “subversivos”, ou seja, expulsariam ou mesmo prendiam os alunos que por algum motivo fossem contra a “ordem vigente”.

Nos ensinos de 1º e 2º graus, a coibição fluía no sentido de tornar os alunos “profissionais” para o mercado de trabalho⁶⁴, pois, assim sendo aqueles não teriam predisposição para enfrentar um vestibular. E, além do mais, a disciplina “educação, moral e cívica” fora incorporada novamente nos currículos escolares⁶⁵ como forma de resgatar os valores da pátria, da família e da religião.

A introdução da educação física naqueles graus de ensino visava apenas estimular os alunos para o entretenimento passageiro, visto que, os mesmos não teriam disposições depois de suas práticas esportivas de levantarem mobilizações políticas contra o regime ditatorial.

Assim foram se fornando as peculiaridades da ditadura no ensino brasileiro. A mesma procurou, de todas as formas, repreender qualquer ato que buscasse a luta pela democracia e pela liberdade de expressão.

⁶¹ CUNHA, L. A.; GÓES, M. **O golpe na educação**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985, p.83.

⁶² USP – 70 anos. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 23 jan. 2004. Especial, p.10. Os grifos são do jornal.

⁶³ Em 1979 este decreto foi revogado.

⁶⁴ O Ginásio Orientado para o Trabalho tinham as disciplinas de artes industriais ou técnicas agrícolas para homens e para as mulheres era destinado à “educação do lar”.

⁶⁵ Esta disciplina tinha sido criada pelo governo autoritário de Getúlio Vargas (1930-1945). Em 1946 com a redemocratização a mesma foi extinta.

No próximo item, retrataremos a criação da faculdade de medicina em Uberlândia no contexto de 1968 e também enfatizaremos o processo de unificação das faculdades isoladas e a formação da Universidade de Uberlândia, segundo a visão e atuação de Rondon Pacheco.

2.2 Um sonho se concretiza – A Faculdade de Medicina e a Universidade Federal de Uberlândia.

No primeiro capítulo deste trabalho, informamos que em 1952 o senhor Homero Santos juntamente com empresários, políticos e com o jornal uberlandense “*O Repórter*” promoveu uma campanha em prol da criação da faculdade de medicina, porém esta não teve êxito. No entanto, a partir de maio de 1966, um grupo de médicos retomou este movimento e mobilizou vários setores da sociedade uberlandense para a criação da referida faculdade,

[...] quero te mostrar a minha importância na UFU [...] nós estávamos criando também a Escola de Medicina. Que era uma escola assim como você sabe, pelas suas implicações, de aparelhamento de mexer com cadáveres pela sua complexidade é uma escola muito mais difícil que qualquer outra para ter instalação é necessário criar um hospital. Você compreendeu? E mexendo com seres vivos e com defuntos (risos) porque os defuntos era... alguns buscavam conseguir no Instituto de Anatomia: o cadáver [...] tivemos o maior êxito desta criação, a Fundação Escola de Medicina foi um êxito extraordinário para Uberlândia. É esta do Umuarama.⁶⁶

Conforme as palavras do senhor Rondon Pacheco, a constituição da faculdade de medicina na cidade se deu de forma lenta e complicada. Vários fatores implicaram na sua implementação. O primeiro deles se deu em relação à própria postura da Sociedade Médica, que, a princípio, não aceitava a idéia do curso, devido o receio da concorrência do hospital universitário e da formação de novos médicos na cidade.

Todavia, a comissão pró-faculdade de medicina continuava com seu empenho em conseguir a instalação da mesma. Um dos caminhos percorridos foi sensibilizar a população para tal empreendimento,

[...] para começar a obra arrecadamos com venda de pastel, venda de livro de ouro, rifas de automóveis. Muitos empresários e fazendeiros, fizeram doações. Chegamos inclusive a notificar nos jornais que quatro mil fazendeiros pertencentes ao Sindicato Rural dariam, cada um, uma cabeça de gado, um boi, para financiar a Escola, apenas

⁶⁶ Entrevista com o Sr. Rondon Pacheco.

para criar impacto na opinião pública, inclusive nacional, para repercutir nos membros do Conselho Federal de Educação, junto ao Ministro.⁶⁷

Este estratagema usado para influenciar a opinião pública uberlandense serviu como um mecanismo de coerção junto ao Ministério da Educação para conseguir a faculdade. Pois,

[...] os alunos da Faculdade Federal de Medicina de Uberaba realizaram passeatas e movimentos de protesto contra a criação de uma escola de medicina em Uberlândia, pedindo que o dinheiro anexado aqui fosse revertido para a melhoria do curso, já existente em Uberaba.⁶⁸

Conforme está enfatizado na citação acima, a cidade de Uberaba, distante 100 Km de Uberlândia, promoveu uma campanha contrária a instalação da faculdade de Medicina. A interpelação junto ao então Ministro da Educação Luiz Aragão (1966) gerou um clima de tensão entre as duas cidades.

O argumento usado pelos uberabenses se baseava em “uma resolução que num raio de 100 km não podia ter outra escola”⁶⁹. O MEC sugestionou, então, que se criasse a Universidade do Triângulo, que fizesse a junção das faculdades existentes em Uberlândia com a Faculdade de Medicina em Uberaba. Esta proposta, porém, não foi aceita pela comissão, que buscava a implementação daquele curso superior na cidade.

A saída para essa crise foi a atuação decisiva de Rondon Pacheco, já que era ministro da Casa Civil e tinha bastante prestígio com o presidente general Costa e Silva. A autorização para funcionamento do curso foi conseguida então em 1968. A princípio, o curso enfrentava duas dificuldades. A primeira era em relação a constituição de seu corpo docente, que,

[...] foi realmente muito difícil porque as áreas básicas do curso de medicina exigiam muitos profissionais que tivessem habilitação e um trabalho continuado nessas áreas. Anatomia, por exemplo, tem que ser dado por anatomista, não adianta o cirurgião querer dar anatomia [...] ⁷⁰

Os médicos da cidade que se propuseram a dar aulas na faculdade, apenas se candidatavam nas cadeiras de clínica médica. As disciplinas de teor teórico careciam de um corpo docente qualificado. A citação acima confirma essa assertiva, que foi prerrogativa constante na criação das várias faculdades em Uberlândia.

⁶⁷ AZEVEDO, José Olympio de Freitas Apud CAETANO, C. G; DIB, M. M. *A UFU no Imaginário Social*. Uberlândia: UFU, 1988, p.64.

⁶⁸ RIBEIRO, Eleonora. *A constituição da Universidade Federal de Uberlândia e suas articulações com a educação fundamental, através de seus atores* (Doutorado em Psicologia da Educação) São Paulo: PUC-Sp, 1995, p.75.

⁶⁹ Entrevista com o Sr. Rondon Pacheco.

⁷⁰ AZEVEDO, José Olympio de Freitas Apud CAETANO, C. G; DIB, M.M. Op. Cit. p.68.

Outro empecilho enfrentado pela faculdade de medicina foi em relação a constituição de seu espaço. Segundo Rondon Pacheco,

[...] quando se pensou em criar a escola de medicina, algumas sugestões que eu recebi foi de conseguir com o governo do Estado o terreno do centro de saúde, mas aí seria pequeno, né! Mas a escola de medicina. Ela precisava de um campus universitário [...] talvez fosse muito fácil realmente conseguir um centro de saúde para instalar um departamento da escola de medicina, mas nunca a escola de medicina.⁷¹

Como se vê nessa passagem, o terreno situado na Avenida Belo Horizonte, Bairro Martins, “seria pequeno”, para uma obra grandiosa como a Faculdade de Medicina. A outra alternativa foi colocada pelo diretor da faculdade federal de Engenharia, Genésio de Melo Pereira, este acentuava que a Medicina deveria ser construída no Santa Mônica. Entretanto, os diretores da FEMECIU⁷², preferiram que a mesma fosse construída no Umuarama, pois, os terrenos,

[...] foram doados [...] O Rui Santos... ele que era proprietário lá. [...] cunhado do Dr. Virgílio⁷³

A especulação imobiliária na cidade de Uberlândia sempre esteve ligada a grupos políticos. Os terrenos do Umuarama, segundo o depoimento acima de Rondon Pacheco, pertencia ao empresário Rui Santos, que era cunhado do então vereador Virgílio Galassi.⁷⁴ A escolha desse local gerou alguns descontentamentos por parte de alguns médicos, pois, o bairro Umuarama era distante do centro da cidade e ficava perto dos trilhos de ferro e da Br. 050. Porém, a luta pela Faculdade de Medicina mobilizou a população uberlandense consoante a versão ufanista de seus idealizadores⁷⁵. Por isso, as divergências em relação ao local de construção da mesma foram logo sanados.

O projeto da escola foi assinado pelo renomado arquiteto local, Ivan Cupertino. Em 1968, foi inaugurado o edifício das cadeiras básicas do curso. Na ocasião, o então presidente da república, General Costa e Silva, esteve presente nesta Solenidade.

⁷¹ Entrevista com o Sr. Rondon Pacheco.

⁷² Fundação Escola de Medicina de Uberlândia.

⁷³ Entrevista com o Sr. Rondon Pacheco.

⁷⁴ Além de ter sido vereador entre 1965 a 1968, Virgílio Galassi foi nomeado prefeito entre 1970 e 1971. de 1976 a 1981 exerceu o cargo executivo (eleito). Foi deputado federal entre 1987 e 1988. prefeito eleito (1989 a 1992); Secretário Municipal de desenvolvimento (1993 a 1996) e novamente prefeito entre 1997 a 2000. sua posição partidária sempre ligada a blocos de direita: Arena, PDS e PP).

⁷⁵ Além de José Olympio de Freitas Azevedo, a escola de Medicina teve como fundadores: Arnaldo Godoy de Souza, Branly Macedo de Oliveira, João Patrus, João Fernandes de Oliveira, Fausto de Freitas e Domingos Pimentel Ulhôa.



Figura 5 - Inauguração das Cadeiras básicas da Medicina. Domingos Pimentel de Ulhôa (à esquerda), diretor da Faculdade de Medicina, cumprimentando Israel Pinheiro, governador de Minas Gerais; e Costa e Silva, presidente do Brasil, no centro da fotografia.
Fonte: CDHIS/UFU.

A imagem possibilita ver a união das forças políticas locais que procuravam estar de comum acordo com os governos militares, para que assim conseguisse manter o seu “*status quo*” e também a realização de projeção da cidade de Uberlândia ao nível nacional.

No começo, a faculdade de medicina não conseguiu incutir confiança na população uberlandense, pois, a mesma tinha receio de que os médicos e os estudantes usassem as pessoas para seus estudos. O hospital das clínicas, inaugurado em 26 de Agosto de 1970⁷⁶ levou três meses para internar o seu primeiro paciente. No entanto, os diretores de FEMECIU mostraram para a população que estavam dispostos a “servir” ao hospital, tanto, que tentaram fazer um convênio com a Previdência Social. O intuito desse acordo era manter a estabilidade do hospital. No entanto, a classe médica local se opôs de forma intensa a este, pois, tinham medo de perder os seus clientes. Todavia, não tiveram forças para conter esse acordo e, consequentemente, com o passar do tempo, a faculdade de medicina começava a ganhar credibilidade na cidade.

A partir da instalação da faculdade de Medicina (1968) surgiu novamente a idéia de criar em Uberlândia uma Universidade. Neste momento, foi incisivo o papel de Rondon Pacheco. Ele nos conta que,

⁷⁶ Na ocasião da inauguração desse hospital, o então Ministro da Educação, Jarbas Passarinho (1969-1974) esteve presente.

[...] fui nomeado Ministro da Presidência, Ministro da Casa Civil da presidência e coincidentemente, veja você o destino no momento em que eu apresentei a emenda criando a escola de Engenharia nesta mensagem do Presidente Juscelino Kubitschek, um colega meu que era presidente da comissão de justiça viesse a criação de uma outra escola de Engenharia junto a nossa... se via a escola de Engenharia da Universidade de Santa Maria, que era também uma universidade particular, de natureza privada, uma fundação e eu autorizei para o bem era o então deputado Tarso Dutra que veio a ser Ministro da Educação. [...] veja a convergência, que veio a ser Ministro da educação do Presidente Costa e Silva [...] e o Presidente Costa e Silva, que no contato diário, cotidiano comigo no trabalho da presidência estava sempre informado pelo meu intermédio da evolução, dos acontecimentos [...] ele se interessou muito sabendo a dificuldade para a manutenção uma escola que ele iria prestigiar e reconhecer que era a escola de medicina. E quando o Dr. Genésio era encaminhado em audiência para o presidente por meu intermédio. O presidente sempre o perguntava – Dr. Genésio, como vai a escola de medicina? – o Genésio respondia – mas eu sou diretor da engenharia – não, mas eu estou perguntado pela medicina. A engenharia está criada. O senhor já é diretor. Eu quero saber da que está nascendo e se agregando para criarmos a futura universidade e assim minha filha foi criada a UFU. O decreto que criou a UFU, criou também a Universidade de Santa Maria no estado do Presidente [...] no Rio Grande do SUL. Compreendeu? Elaboramos o decreto né!, e... com assistência total do Ministro da Educação, que também era do Rio Grande do Sul, Tarso Dutra... o presidente assinou esse decreto. Eu levei a ele o decreto para ser assinado, que eu estava com todos os instrumentos na mão. Eu era o chefe da casa civil, mais aquilo foi uma plena viabilização do nosso ideal, quem ganhou foi Uberlândia, quem ganhou foi todo o Brasil central, foi essa região do triângulo mineiro⁷⁷.

Neste longo, mais precioso depoimento de Rondon Pacheco, fica explícito o seu papel na formação da Universidade Federal de Uberlândia. A princípio, ele recorda que quando formulou a emenda para criação da faculdade federal de engenharia, também “ajudou” na implementação deste mesmo curso, na cidade de Santa Maria, terra natal do então deputado federal Tarso Dutra. A satisfação de Rondon Pacheco foi ver este ser nomeado ministro da educação (1967-1969), justamente no governo no qual Pacheco fazia parte.

E esse mesmo governo mantinha com Rondon Pacheco uma relação intimista, de confiança. Por isso, ele se sentiu a vontade ao redigir os dois decretos: um para criar a Universidade de Santa Maria; e outro a Universidade de Uberlândia, sendo que ele tinha como aliado nesse momento o ministro da educação Tarso Dutra.

As relações de clientelismo são evidenciadas nestas palavras de Rondon Pacheco. Estas enfatizam que o mesmo se prestou de forma atenta aos acontecimentos em sua volta e soube conduzir com habilidade as situações que melhor lhe convinham. Portanto, a formação da Universidade de Uberlândia ocorreu sem uma conjunção de fatores, que são imprescindíveis para a criação de uma instituição séria de ensino superior, pois,

⁷⁷ Entrevista com o Sr. Rondon Pacheco.

A Universidade foi criada em 14 de agosto de 1969 pela ação do então Ministro chefe da casa civil, Rondon Pacheco. Criada sem passar no Congresso Nacional, sem ouvir o Conselho Federal de Educação e sancionada pela junta militar, com base no Ato institucional 16⁷⁸.

O decreto nº 762 que criou a Universidade de Uberlândia foi assinado pelo presidente Costa e Silva. Após a sua morte, foi nomeado uma junta militar para suprir a vaga do governo até a convocação de uma nova eleição. No depoimento do Sr. Antonino, registrado na passagem acima, fica claro que a Universidade foi criada às pressas e não se sujeitou aos trâmites legais para a formação da mesma.

A imprensa uberlandense, que sempre apoiou o imaginário ufanista da cidade, assim estampou a notícia da criação da Universidade em seu periódico,

Criada a Universidade Federal de Uberlândia - Min. Rondon Pacheco conquista mais este grande benefício para cidade jardim



Num espaço de tempo, que não se faz muito longo, Uberlândia iniciava um trabalho dentro do campo cultural, procurando elevar ao mais alto grau. Para isso, necessário seria a instalação de Faculdades, para atingir-

mos então o terreno do ensino superior.

Os dedicados homens de nossa terra, aqueles de alto conhecimento sobre o assunto, arregaçaram as mangas, e se puseram no campo da luta, e quando menos se esperava, em poucos recortes, Uberlândia já penetrava lentamente neste terreno, ganhando para seu município tudo aquilo que se planejava. A instalação de cada uma delas, era então feita em espaço bem curto uma da outra.

A cidade já se apresentava totalmente transformada dentro de seu campo de ensino.

O sistema operacional e o método de ensino empregados, elevavam dia a dia o conceito de cada uma delas, chegando rapidamente a ultrapassar fronteiras e conquistando

a preferência de milhares de jovens estudantes que aqui acorrem todos os anos a procura de suas inscrições dentre os mais diversos cursos profissionais.

Alcançadas pois todas estas aspirações, outro ponto resta que ser alcançado para a complementação daquilo planejado. E a luta deveria ser então em prol de nossa Universidade.

Reuniam-se novamente todos os nossos grandes homens e novos estudos foram feitos para que o objetivo fosse bem atingido.

Tão logo foi dada a conhecer a pretensão deste grupo de dedicados uberlandenses, o jornal O TRIÂNGULO também abriu as suas páginas numa campanha de apoio à conquista. O fato era sempre lembrado. As manchetes eram sempre estampadas.

Fielmente a pretensão veio merecer a atenção de nosso estimado conterrâneo Ministro Rondon Pacheco, Chefe da Casa Civil da Presidência da República, que abraçou o assunto com todas as suas forças, no sentido de dar o desfecho que todos nós aguardávamos.

Lado a lado com o Min. da Educação, Dr. Tarso Dutra, Rondon Pacheco demonstrava a necessidade

de da criação de nossa Universidade. De fato, tudo foi obtido com muito esforço e dedicação, até que no dia 14 de agosto de 1969, após a análise e es-



tudo do Presidente da República, Maj. Arthur da Costa e Silva, assinava o Decreto Lei nº 762, decre-

tando a criação da UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA, com sede na cidade do mesmo nome, e cujo Decreto, vinha a ser publicado no Diário Oficial da Nação em data de 17 de agosto de 1969.

Assim, sob forma de Fundação, Uberlândia recebe com grande euforia, aquilo que sempre foi um sonho de todos nós: a nossa UNIVERSIDADE.

Devemos pois, mais uma gratidão ao Min. Rondon Pacheco, que se pôs em primeiro plano nesta luta, e em segundo lugar, ao Ministro Tarso

Dutra, que soube reconhecer a necessidade desta instalação.

Todos nós estamos orgulhosos por mais esta vitória alcançada, e podemos destacar, Uberlândia, cidade universitária.

Geração será o Diretor

Nessa reportagem pode-se ver a oportunidade, registrar ainda que tão logo deu-se a declaração para a instalação de nossa Universidade; verificou-se também a nomeação do Prof. Genésio de Melo Pereira, para ser o Diretor da Uni-

versidade Federal de Uberlândia.

Segundo o ilustre senhor, agora teremos prazo de 126 dias para a formação das Estatísticas da Universidade, através da coordenação de todas as suas Faculdades.

Sobre a instalação, não foi exigido um local, nem sequer instalada em qualquer parte, inclusive junto a uma das Faculdades até que se estude outros pormenores.

A Universidade poderá ser de âmbito regional, porém, aguardamos ainda as melhores esclarecimentos sobre esta parte.

O TRIÂNGULO

PROPRIEDADE DA EMPRESA GRAFICA TRIANGULO S.A.

Diretor-Presidente: Alberto Augusto de Oliveira — Diretor-Superintendente: Alberto Gomide — Redator-Chefe: Mário Zera

ANO XLI — Uberlândia, terça-feira, 19 de agosto de 1969 — Número 2.531

Tragado pelas águas do Paranaíba

A guarnição do Corpo de Bombeiros de nossa cidade foi solicitada a comparecer rábado último às margens do Rio Paranaíba, posição situada entre Araguari e Catalão, no sentido de auxiliar nas

por volta das 15 horas aproximadamente, quando se encontrava pescando.

O Corpo de Bombeiros atendeu de pronto ao chamado, solicitando ainda a colaboração da guarnição de Bombeiros de Uberaba

Os valentes soldados seguiram para o local, e imediatamente se puseram em ação, lutando contra as águas do valente Paranaíba, dia e noite.

Somente ontem, por volta das 9:40 hs., é que o

MACIFE SÃO PAULO S/A

Materiais de Construção

Av. João Pessoa, 751 — Uberlândia
Fones: 5831 — 4191

CIMENTO BRANCO IRÁJA — AZULEJOS
CERAMUS, KLABIN, IMBITUBA E KER-
LUX EM CORES, BRANCOS OU DECORA-
TIVOS.

Aço Maciço e laminados de ferro de todas as
poltas, chapas etc.

Prisão de ventre?

PASTILHAS MINORATIVAS

tornam a vida um
prazer!

PASTILHAS MINORATIVAS

Levante suave, sem
produzir cólicas e
de efeito imediato!

Mais um depósito de

Figura 6 - Estampa do jornal *O Triângulo*. Ano XLI, 19/08/1969, nº2531, p. 1.
Fonte: SEARQ/UFU.

O jornal *O Triângulo* exalta a ação do Ministro Rondon Pacheco neste processo. No começo deste artigo é lembrado a atitude dos “dedicados homens de nossa terra”, que

⁷⁸ Da Silva Júnior, Antonino Martins. Apud CAETANO, C.G.; DIB, M.M. A UFU no imaginário social. Uberlândia: UFU, 1988, p.110.

lutaram cada um na implementação de cada faculdade na cidade. Porém, a mesma já consolidada com essas instituições de ensino superior necessitava, como bem afirma o jornal, de uma Universidade.

O periódico *O Triângulo* realça essa conquista da cidade de Uberlândia, enaltecendo o papel de Rondon Pacheco, Tarso Dutra e Costa e Silva, e no fim de seu artigo, informa que o primeiro reitor a tomar posse da Universidade será o então diretor da faculdade de Engenharia, Genésio de Melo Pereira.

Um fator que contribuiu para que Rondon Pacheco conseguisse a criação da Universidade de Uberlândia foi a promulgação da reforma universitária. A lei 5.540/68 teve pontos positivos no tocante ao ensino superior; a mesma determinava que a universidade tivesse um padrão de organização (este ponto estipulava, que para se constituir uma universidade era preciso existir quatro faculdades particulares e uma faculdade federal o que para Uberlândia não foi difícil); definiu que o reitor fosse escolhido pelo presidente através de uma lista sêxtupla; que a universidade tivesse coordenadores de pesquisa, de ensino e extensão; que o vestibular fosse unificado e também esta lei estipulou a extinção da cátedra vitalícia do docente na universidade o que, para muitos estudiosos do tema, foi o ponto mais positivo dessa reforma universitária.

A constituição da universidade de Uberlândia não foi um caso isolado no país, pois,

[...] a vocação política teve prioridade na criação das universidades públicas e privadas no Brasil. Sob três aspectos principais, em momentos históricos diferentes, essa vocação se manifestou: nas universidades públicas criadas na primeira metade do século, a partir da visão liberal, e, portanto, da idéia do saber desinteressado ou da não-interferência recíproca entre Estado e Universidade e Sociedade e Universidade; nas universidades criadas a partir dos anos 50, no bojo da luta pela escola pública gratuita, inserindo a universidade no contexto do direito à educação e à pesquisa aberta a todas as classes sociais e capaz de oferecer ao Estado quadros para a ampliação da cidadania educacional; e nas universidades a partir dos anos 70, no interior de realizar a tarefa estatal de controle e censura do pensamento, limitar o acesso ao saber e sobretudo, responder às necessidades da indústria e das finanças, isto é, da tecnologia e da economia.⁷⁹

A filósofa Marilena Chauí explicita de forma clara e objetiva o seu posicionamento em relação a formação das universidades no Brasil. A passagem acima pontua os três momentos em que a autora discorre sobre essa questão. O tópico mais importante deste fragmento se refere à criação das universidades nos anos 1970 em que a política ditatorial estipulava a conveniência de criar as mesmas com a função de formar profissionais voltados apenas para o

⁷⁹ CHAUÍ, Marilena. *Escritos sobre a universidade*. São Paulo: Unesp, 2001, p.116.

mercado de trabalho, proporcionando, dessa forma, um controle ideológico no ensino superior.

Outros estudiosos afirmam que os governos militares investiram maciçamente na implementação de Universidade no interior do país como forma de limitar a ida dos jovens aos grandes centros urbanos. Dessa forma, coibiriam a ação daqueles frente ao regime político vigente.

As classes dominantes de Uberlândia possuíam uma amistosa relação de amizade com os governos militares o que corroborou, de forma positiva, na formação da universidade. E além do mais a cidade já ocupava um lugar de destaque na região, devido ao seu crescimento urbano e a consolidação de seu distrito industrial.

A Universidade de Uberlândia seria então uma catalisadora de recursos e de investimentos para a cidade. Entretanto, o seu estabelecimento se processou através de uma atitude isolada. No próximo item, retrataremos a posição dos diretores das faculdades isoladas perante a essa questão, mostraremos a criação da autarquia educacional e também enfatizaremos o difícil caminhar que a universidade teve que passar nos nove anos que separaram o seu processo de federalização.

2.3 Tensões no processo de consolidação da Universidade Federal de Uberlândia

A repercussão da criação da Universidade Federal de Uberlândia na imprensa se deu de forma eufórica. Porém, no contexto da sua organização administrativa, o que se viu foram momentos de conflito e de tensões provocados pela regulamentação de seu estatuto. Mais adiante, discorreremos sobre essa questão. Paralelamente a esses acontecimentos, ocorreu a instalação de mais três faculdades na cidade.

Desde o início dos anos 1960⁸⁰ cogitou-se a idéia de estabelecer uma faculdade de Odontologia em Uberlândia. Todavia, a comissão pró-ensino superior não conseguiu êxito em sua realização. Posteriormente a isso,

Homero Santos, então deputado estadual, líder do governo na Assembléia Legislativa idealizou uma instituição chamada Autarquia Educacional de

⁸⁰ Mais duas faculdades para Uberlândia – “Odontologia e Farmácia”. *O Repórter*, Ano XXVII, nº 3468 – 09/04/1960, p. 1.

Uberlândia, uma autarquia do Estado para criar escolas superiores aqui em Uberlândia...⁸¹

A atuação do deputado estadual Homero Santos (Arena) foi substancial para a concretização da faculdade de Odontologia. Ele tinha um aliado importante ao seu lado, o governador de Minas Gerais, Israel Pinheiro. A implementação da Autarquia Educacional proporcionaria não somente sua instalação, mas, também apontava a possibilidade de criar outras faculdades na cidade.

A autorização do curso ocorreu em 1970. A princípio as aulas do ciclo básico da Odontologia eram ministradas na faculdade de Medicina, pois a mesma não tinha estrutura física para funcionar e nem corpo docente qualificado em sua grade curricular. A solução foi contratar professores de outras instituições e alugar o prédio da ordem religiosa dos Franciscanos⁸² para sua acomodação.



Figura 7 - Prédio da Faculdade de Odontologia, situado na Av. Engenheiro Diniz, hoje abriga a reitoria da Universidade Federal de Uberlândia. Foto de 1976.

Fonte: CDHIS/UFU.

⁸¹ SILVA, Wilson. R. Apud. CAETANO, C. G. e DIB, M. M. **A UFU no imaginário social de Uberlândia**. Uberlândia: UFU, 1988, p. 78.

⁸² Em 1975 frades franciscanos doaram o prédio para a faculdade. "Frades Franciscanos merecedores de gratidão dos uberlandenses pela nobre missão que cumpriram em prol da Faculdade de Odontologia de Uberlândia", **Correio de Uberlândia**, Ano XXXIX, nº12.410, 26/03/1975, p. 1.

Concomitantemente, foram implementadas as faculdades de Educação Física e de Medicina Veterinária. A primeira teve seu campus funcionando em Uberlândia. O terreno que serviu para construir a faculdade “foi desapropriado por mim, eu governador do estado desapropriei do Sr. Napoleão Carneiro”⁸³. Observamos que, mais uma vez, foi incisiva a participação de Rondon Pacheco no processo de instalação do ensino superior na cidade. Pois,

[...] quando saí da Casa Civil, estive um ano na presidência nacional do partido do governo federal e... com a tarefa de coordenar as sucessões estaduais eu fui escolhido pelo presidente Médici para governar Minas. Então foi muito fácil, esse somatório, esse juntado, que nós fizemos das escolas superiores não foi difícil não!⁸⁴

Nessa passagem, relatada por Rondon Pacheco, fica evidente que não foi difícil para ele conseguir comprar o terreno para as acomodações da Faculdade de Educação Física. Já a Faculdade de Medicina Veterinária foi

[...] oferecida a Tupaciguara, uma zona de pecuária. O prefeito, Sr. Joaquim, um homem muito digno, azulejou dois cômodos e fez um tanque também azulejado no prédio do colégio municipal... os alunos assistiam às aulas na Medicina, portanto, o curso básico foi feito aqui. Passada a fase dos dois anos do curso básico, a Escola começou a ministrar também o profissionalizante. Dizem que os alunos iam lá com os professores, faziam a chamada e vinham ter aula em Uberlândia, em instalações das granjas, dos frigoríficos, de inseminação artificial. A Faculdade só existia no papel. Eu ia ao Ministro, pedia verba e eles mandavam uma comissão. Esta vinha, estudava e dizia o seguinte: Tupaciguara não tem condições para manter uma Faculdade de Veterinária, ela tem que vir para Uberlândia, mas a ARENA não deixava.⁸⁵

A Faculdade de Veterinária, implementada na cidade de Tupaciguara, foi uma promessa feita pelo deputado estadual Homero Santos para os seus correligionários da ARENA. Entretanto, as aulas do ciclo básico eram realizadas na faculdade de Medicina em Uberlândia e as do ciclo profissionalizante em Tupaciguara. Todavia, esta não possuía o conglomerado de empresas que se beneficiaram dessa faculdade. Neste depoimento do Sr. Juarez Altafin fica explícito essa assertiva. É interessante notar que ambas as cidades possuíam o mesmo partido (ARENA), mas se divergiam devido a luta pela permanência da Veterinária em suas localidades. Essa situação se agravou mais quando,

⁸³ Entrevista com o Sr. Rondon Pacheco.

⁸⁴ Entrevista com o Sr. Rondon Pacheco.

⁸⁵ ALTAFIN, Juarez. Apud. CAETANO, C. G. e DIB, M. M. *A UFU no imaginário social de Uberlândia*. Uberlândia: UFU, 1988, p. 80-81.

O Conselho Universitário da Universidade de Uberlândia na tarde de 28 do corrente (quinta-feira) entre outros assuntos deliberou transferir para Uberlândia o ensino das disciplinas da Faculdade de Medicina Veterinária, que estava sendo ministrado, até a presente data, em Tupaciguara. Era pensamento inicial do Conselho, solicitar a opinião do MEC sobre o problema. Entretanto, como esse assunto é privativo da Universidade, e os alunos do 3º e 4º ano estão tendo aulas em Tupaciguara desde Junho, por falta de instalações o Conselho resolveu não protelar mais a medida. O Reitor, após fazer as devidas comunicações, vem tomando as providências necessárias para cumprir a deliberação do colegiado.⁸⁶

A decisão do Conselho universitário de efetuar a mudança da Faculdade de Veterinária de Tupaciguara para Uberlândia repercutiu de forma negativa na região. O argumento utilizado era de que os alunos ao deslocarem-se para a referida cidade não tinham uma estrutura de ensino adequada para o seu curso. A administração municipal de Tupaciguara interpelou para que houvesse esse impedimento, mas não tiveram êxito.

Em resposta a esse imbróglio,

O político e empresário Ademar Batista da Costa, ainda inconformado com a transferência da Escola de Medicina Veterinária para Uberlândia e ratificando suas palavras quando fez pronunciamento contra a medida, afirmando que deixaria o cargo se a unidade de ensino não retornasse a Tupaciguara, renunciou ao posto de Vice-prefeito da “terra da Mãe de Deus”, enviando ofício à Câmara Municipal.⁸⁷

Este ofício, no qual Ademar Batista da Costa pronuncia a sua renúncia, será colocado em anexo neste trabalho. Entretanto, o conteúdo deste será explicitado nessas próximas linhas. O então vice-prefeito de Tupaciguara foi enfático no seu protesto ao expor o seu desgosto pela atitude tomada pelo Conselho Universitário de efetivar a mudança da Veterinária para Uberlândia.

Na carta, ele evidencia que “roubaram nossa faculdade de Medicina Veterinária” e, além do mais, Ademar Batista da Costa questiona a postura do ex-governador de Minas Gerais, Israel Pinheiro, do Homero Santos e de Rondon Pacheco sobre essa questão, já que os mesmos se prostaram a favor da permanência daquela faculdade em Tupaciguara.

O ex-vice-prefeito ainda afirma que o Conselho Universitário não deveria ter atendido a um pedido de meia dúzia de alunos e de professores, que tal entendimento só serviu a interesses pessoais daqueles. E o mesmo encerra a sua carta falando de suas tentativas feitas

⁸⁶ *Correio de Uberlândia*, Ano XXXIX, 02/09/1975, nº 12.517, p. 1.

⁸⁷ *Correio de Uberlândia*, Ano XXXIX, 23/01/1976, nº 12.613, p. 6.

para reverter tal quadro, que não tiveram êxito e a única coisa que restava para ele era desistir de seu cargo.

Essa atitude do vice-prefeito de Tupaciguara, Ademar Batista da Costa, de renunciar ao seu cargo devido a transferência da Faculdade de Veterinária para Uberlândia, gerou um clima de insatisfação e de tensão em ambas as cidades. Perguntamos ao Sr. Rondon Pacheco sobre essa questão, se havia motivações políticas para tal atitude. Ele assim nos respondeu: “Não, não, nada político. Apenas questões de interesses da própria escola...”⁸⁸.

A repercussão na imprensa deste fato foi intensa. A Faculdade de Veterinária, personagem principal deste acontecimento, permaneceu em Uberlândia e se agregou à conturbada Universidade de Uberlândia, que, desde a sua criação, passou por momentos de confusão e de incertezas.

Para organizar a instituição foi nomeado o Sr. Juarez Altafin (Diretor da Faculdade de Ciências Econômicas). Sua primeira resolução,

[...] foi convidar os diretores das escolas para uma reunião no prédio da Faculdade de Ciências Econômicas, então no Colégio Brasil Central. Naquele dia assinamos um documento onde todas as escolas, mesmo a federal, porque o Dr. Genésio não tinha poderes para tanto, se comprometeram a doar seus patrimônios à futura Universidade. Fizemos uma espécie de ata, assinada por todos...⁸⁹

Como se vê na passagem acima, a Universidade de Uberlândia foi criada primeiramente no papel. Não existia, até então, uma unidade constituída na reunião daquelas faculdades. No depoimento de Juarez Altafin fica evidente que somente após a sua delegação no corpo de estruturação da instituição é que foram tomadas as providências burocráticas para a composição da mesma.

Essa doação do patrimônio, a qual Altafin faz menção não foi realizada de forma “espontânea”, pois,

[...] no começo não foi muito fácil, porque o colégio Nossa Senhora e a Faculdade de Filosofia pertenciam a mesma entidade mantenedora. Assim, quando a Faculdade teve que se separar do colégio, este já estava debaixo de outra personalidade jurídica... Quanto às outras Faculdades, por exemplo, em relação ao Direito, possuía um patrimônio que era da família do Dr. Jacy; a Economia não possuía patrimônio, pois pertencia a uma Fundação Educacional; a Engenharia já era federal; o Conservatório fora transformado em Faculdade de Artes [1967]. Quando o Dr. Rondon... reuniu na casa de seu pai, senhor Raulino Pacheco [...] ele colocou que as

⁸⁸ Entrevista com o Sr. Rondon Pacheco.

⁸⁹ ALTAFIN, Juarez. Apud. CAETANO, C. G. e DIB, M. M. *A UFU no imaginário social*. Uberlândia: UFU, 1988, p. 94.

faculdades tinham que liberar o patrimônio, entendemos que tínhamos que abrir mão dele. A liberação do patrimônio viria demonstrar a existência de união de propósitos. Aí tivemos que rever se estávamos mesmo querendo uma universidade.⁹⁰

Como se vê acima, cada faculdade possuía a sua autonomia administrativa e financeira. E desfazer desse patrimônio não seguia “o espírito uberlandense”, que a versão ufanista apregoava ser de costume dos idealizadores do ensino superior de Uberlândia.

A causa para a divergência em relação a essa questão se baseava no próprio decreto – lei que criou a universidade, pois, o mesmo determinava que essa instituição, em sua natureza jurídica era de caráter privado. E na elaboração do Estatuto este ponto prevaleceu.

A preocupação dos diretores das faculdades existentes é se existiria algum retorno para os mesmos após a doação de seu patrimônio. No começo a Universidade de Uberlândia tinha em sua constituição somente o Reitor Genésio de Melo Pereira (nomeado pró-tempore) e a secretária da instituição. As faculdades que compunham a referida universidade continuaram a ter uma atitude isolada e independente.

A reitoria, na tentativa de criar um símbolo, que pudesse tomar como referência para a Universidade, instituiu o

Brasão da Universidade

A Reitoria marcou para hoje, a entrega dos prêmios aos vencedores do concurso “Brasão da Universidade de Uberlândia”. A promoção será no salão nobre da faculdade de Direito, esta noite às 20 horas com a presença dos vencedores e do patrocinador do concurso, comerciante Jalles Magalhães que ofereceu em nome da Jama tratores a importância em dinheiro para cobertura dos prêmios no valor de dez mil cruzeiros.⁹¹

O vencedor desse concurso foi o aluno da Faculdade de Artes, Saul Vilela Márquez. O desenho do seu brasão prevalece até hoje como o símbolo da UFU. Este tem o significado de ser dois “U” colocado sobre o outro, isto é, representa a universidade, a congregação das faculdades formando a Universidade de Uberlândia. Segundo Baczko,

A função do símbolo não é apenas instituir uma classificação, mas também introduzir valores, modelando os comportamentos individuais e coletivos e indicando as possibilidades de êxito dos seus empreendimentos.⁹²

A citação acima acentua bem a finalidade dos organizadores de promover esse concurso, pois ao instituir o brasão da universidade, os mesmos buscavam transmitir que a

⁹⁰ GAROTTI, Ilar Apud CAETANO, C.G e DIB, M.M. Op. cit. p, 106.

⁹¹ **Correio de Uberlândia** – Ano XXXVII. 28/06/1973 nº 12.072, p.1.

⁹² BACZKO, Bronislaw. Imaginação social. IN: **Enciclopédia Einaudi**. Porto: Imprensa Nacional, 1985, p.311.

instituição era algo concreto, coesa e que externava um bem maior não somente para as faculdades que a compunham, mas para a população uberlandense de uma forma geral, tanto que o prêmio pago ao vencedor do concurso foi concedido por um comerciante.

Os conflitos, entretanto, permaneciam no interior da Universidade de Uberlândia. Agora não era somente os diretores das faculdades isoladas que se posicionavam contra a doação de seus patrimônios a Universidade. A faculdade Federal de Engenharia, através de uma campanha encabeçada por alguns professores e alunos também se prostou contra a sua integração à universidade, pois, se assim fosse aquela seria desfederalizada,

Em maio de 1975, ... após uma reunião bastante traumática com a congregação da Faculdade de Engenharia, contando com a presença do pessoal do MEC, firmou-se o compromisso de se congelar o estatuto que já estava no conselho Federal de Educação⁹³

A crise gerada pela formulação desse estatuto⁹⁴ provocou passeatas, protestos e até greve dos alunos da faculdade de engenharia. Isso porque o mesmo atribuíra ser a universidade uma instituição de caráter privado. Com isso, o MEC não estava mais querendo destinar verbas para na referida faculdade. Segundo o Sr. Rondon Pacheco este processo se deu com

[...] receio, ela que estava nascendo e como todo nascedouro é frágil... os professores... nós estamos com tantos problemas aqui, que vamos agora nos agregarmos a um problema maior. O raciocínio imediato é esse. Só pode ser isso, mas tal era o interesse comum e... geral de Uberlândia, tão legítimo de ter a sua universidade que... essas manifestações não tiveram êxito. Êxito teve a universidade, que esta aí hoje⁹⁵.

No depoimento do Sr. Rondon Pacheco, fica evidente que as tensões ocorridas no interior da universidade foram passageiras, pois o que importava era manter para a sociedade que a Universidade de Uberlândia existia, que essa representava o bem maior para a população.

As discordâncias, entretanto, não foram tão efêmeras assim. O diretor de Assuntos estudantis (órgão ligado ao MEC), Edson Machado, esteve na cidade para apaziguar os ânimos da Faculdade Federal de Engenharia, e prometeu mais verbas para a instituição desde que houvesse alteração no estatuto. Uma comissão foi formada para que se redigisse um novo documento. Paralelamente, o deputado federal Homero Santos (Arena) estava formulando um

⁹³ SILVA, Antônio Martins Apud CAETANO, C.G ; DIB, M.M. **A UFU no imaginário social de Uberlândia**. Uberlândia: UFU, 1988, p.113.

⁹⁴ O novo estatuto da Universidade de Uberlândia é ilegal – **Correio de Uberlândia**. Ano XXXIX. 06/06/1975 nº12.456, p.1.

⁹⁵ Entrevista com o Sr. Rondon Pacheco.

projeto de lei alterando o decreto de criação da universidade, este se propunha a torná-la instituição federal de ensino.

A faculdade de Medicina foi reconhecida em 1974 e se integrou à universidade o que, de certa forma, corroborou para o fim das tensões. Mas, o que deu a universidade um caráter federal foi a nomeação do Reitor Gladstone Rodrigues da Cunha (1976 – 1980) efetuada pelo presidente da república, o então General Ernesto Geisel. Concomitante a isso,

Unu – federalizada

Conforme comunicou a este jornal o deputado Homero Santos esclarece que o presidente Ernesto Geisel, sancionou o projeto de lei, federalizando a Universidade de Uberlândia.

Com esse gesto do presidente da república, o povo uberlandense sente-se contente por ver sua universidade federalizada, um antigo anseio desta cidade, principalmente da classe universitária.

De outro lado o legislador por esta uber e região, também teve seu trabalho vitorioso, pois o projeto de federalização, segundo fala é de sua autoria.

Em outros sentidos a Revolução de mil novecentos e sessenta e quatro se firma mais na opinião da comunidade local, pois tem contribuído para o Ensino Superior em Uberlândia.

De agora para frente os acadêmicos que tanto lutaram por esta iniciativa, a que são agora vitoriosos, devem somente daqui para frente, agarrarem nos estudos dos diversos cursos, que a universidade ministra através das numerosas faculdades tomando-os bons técnicos em todas as escolas superiores lhes darão oportunidade.⁹⁶

O projeto de lei 6.523 de autoria do deputado federal Homero Santos foi aprovado no congresso nacional no dia 8 de Maio de 1978. O interessante é que o AI-1 determinava que não deveria criar projetos, que aumentassem despesas para a União e, no entanto, Homero Santos conseguiu este feito.

Após a aprovação do projeto, de federalização, a imprensa uberlandense enaltece com entusiasmo a atitude de Homero Santos, a citação acima comprova isto. Tendo a universidade sido federalizada em 24 de maio através da sanção do presidente General Ernesto Geisel, as tensões provocadas pelo seu antigo estatuto foram atenuadas. Os diretores das faculdades isoladas cederam os seus patrimônios, a faculdade de Engenharia não teve mais receio de se desfederalizar e se integra definitivamente a Universidade Federal de Uberlândia.

Um novo estatuto foi elaborado. As faculdades passaram a se integrar a três centros acadêmicos: CEHAR (Centro de Ciências Humanas e Artes), CEBIM (Centro de Biomédicas) e CETEC (Centro de Exatas e tecnologia)⁹⁷. E a Universidade Federal de Uberlândia passou a viver novos momentos, mas isso caberá a outro pesquisador contar essa história...

⁹⁶ **Tribuna de Minas**. Ano XII. 31/05/1978, nº 1.711, p.6.

⁹⁷ Estes centros se desintegrariam em 1998.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

[...] a universidade é uma instituição social. Isso significa que ela realiza e exprime de que é e faz parte. Não é uma realidade separada e sim uma expressão historicamente determinada de uma sociedade determinada (Marilena Chauí, Escritos sobre a universidade).

A cidade de Uberlândia vivenciou nos anos de 1950 um notável crescimento em sua economia. Primeiramente, o seu comércio foi consolidado, depois a nascente indústria teve seu apogeu nos anos desenvolvimentistas do presidente Juscelino Kubitschek (1956 – 1961) sem contar que a construção da nova capital federal, Brasília, impulsionou a maciça migração para a mesma.

Embora a cidade de Uberlândia estivesse vivenciando esses “anos dourados”, esta ainda era carente de ensino superior. Era necessário “formar o novo tipo de cidadão que iria contribuir com o crescimento”⁹⁸. A campanha para a implementação de uma faculdade de medicina se iniciou em 1952 através da ação do Sr. Homero Santos e do Jornal local *O Repórter*. Entretanto, estes não tiveram êxito.

A obstinação do Sr. Homero Santos em instalar faculdades na cidade de Uberlândia não pararia por aí. O mesmo formou uma comissão pró-ensino superior na qual empresários, profissionais liberais faziam parte e conjuntamente procuravam ações efetivas para a instalação de faculdades. A primeira então foi concretizada em 1957. Pela iniciativa da senhora Cora Pavan Caparelli, o Conservatório Musical de Uberlândia iniciou as suas atividades. Por ter tido dificuldades em reconhecer a sua primeira turma, este curso é desacreditado como pioneiro na cidade. No seu depoimento, o Sr. Rondon Pacheco, nos diz que este posto pertence à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Uberlândia.

A FAFIU, como era habitualmente chamada, foi implementada com forte apoio da igreja católica que tinha medo que pessoas ligadas ao Partido Comunista Brasileiro local criassem, ao seu modo, uma faculdade de filosofia. Concomitante, a faculdade de Direito se instalou na cidade através da articulação do então vereador Homero Santos e do advogado Jacy de Assis. Este último ajudou a criar a faculdade de Ciências Econômicas.

A cidade de Uberlândia, porém, não poderia deixar de continuar com sua saga pelo ensino superior. O então deputado federal Rondon Pacheco teve participação incisiva na constituição da faculdade federal de Engenharia, já que o mesmo conseguiu incluir uma emenda no projeto do executivo e proporcionou a criação da mesma. A sua ação também foi preponderante na formulação da Faculdade de Medicina e na criação da Universidade de Uberlândia, na época em que era Ministro Chefe da Casa Civil do governo Costa e Silva. A partir de 1970, a cidade presenciou a instalação de mais três faculdades: Odontologia, Educação Física e Medicina Veterinária.

⁹⁸ DANTAS, Sandra M. **Veredas do Progresso em tons altissonantes Uberlândia (1900 – 1950)** Dissertação (Mestrado em História). Uberlândia: UFU, 2001, p.158.

Esta última, a princípio, teve suas atividades realizadas em Tupaciguara. Após vários reclamos de professores e de alunos, a mesma foi transferida para Uberlândia. Este fato gerou um clima de tensão muito grande entre ambas as cidades e levou o vice-prefeito de Tupaciguara, Ademar Batista da Costa, a renunciar ao seu cargo. Porém, essa sua atitude não reverteu esse quadro.

A Universidade de Uberlândia vivenciou a sua maior crise após a sua própria constituição. Criada através de uma ação peculiar do Ministro da Casa Civil, Rondon Pacheco, este tomou uma atitude isolada e não consultou o Conselho Federal de Educação e nem o Congresso Nacional sobre a universidade.

Os diretores das faculdades isoladas, num primeiro momento, relutaram em doar o seu patrimônio para a universidade. Porque tinham receio de perder a autonomia administrativa e financeira das mesmas. Entretanto, o foco de maior tensão ocorrido na Universidade de Uberlândia foi o movimento de alguns professores e alunos da faculdade federal de Engenharia, que não queriam se integrar à UnU. O argumento que eles usavam estava baseado no próprio estatuto da universidade, já que o mesmo afirmava ser ela uma instituição de ensino superior privada. Por isso, a faculdade de Engenharia não poderia se associar à Universidade de Uberlândia.

O clima de tensão, na cidade de Uberlândia, devido a esse fato, foi muito intenso. Os alunos da Engenharia promoveram passeatas e até greve, se o caso não fosse resolvido. O MEC também não via com bons olhos aquela situação. Foi necessária a atuação política local de Rondon Pacheco e Homero Santos para que a situação fosse contornada.

O reconhecimento da Faculdade de Medicina, em 1974, e a forte atuação de Edson Machado, diretor da Divisão de Assuntos Universitários do MEC, também foram pontos positivos, para acalmar os ânimos dos personagens envolvidos nessa trama. No entanto, a paz reinou quando a Universidade de Uberlândia se tornou federal através da aprovação do projeto de lei 6.532, do então deputado federal Homero Santos.

Essa conturbada formação da Universidade Federal de Uberlândia nos faz pensar em alguns aspectos sobre a sua construção. Primeiramente, devemos destacar duas pessoas, que tiveram papel importante durante esse processo: Rondon Pacheco e Homero Santos. O uberlandense Rondon Pacheco teve uma ascensão política muito rápida, pois, como já salientamos anteriormente o mesmo em 21 anos passou de deputado estadual a Ministro da Casa Civil do General Costa e Silva. Essa sua posição de destaque no cenário político nacional proporcionou-lhe liberdade de ação nos governos executivos. Ele mesmo relata em seu depoimento, que não foi difícil concretizar o ensino superior em Uberlândia.

O também uberlandense Homero Santos teve o seu papel de destaque na constituição da UFU. No início dos anos de 1950 começou com a campanha pró-ensino superior na cidade e teve importante atuação na instalação da faculdade de Direito. Na criação da Autarquia Educacional (Odontologia, Educação Física e Medicina Veterinária) foi o seu principal articulador. Foi omissos em relação à crise da faculdade de veterinária, mas o seu nome é sempre lembrado como um dos principais responsáveis pela UFU. Tanto que, nas eleições de 2002, Homero Santos se candidatou mais uma vez à legislatura federal usando estes dizeres num outdoor: “Homero fez a UFU”.

A criação inicial das faculdades e da própria universidade mostra que o ensino superior não foi organizado de forma coerente na cidade. A iniciativa de políticos, empresários e profissionais liberais nessa questão contrastam com o discurso do Sr. Rondon Pacheco, que nos relatou em seu depoimento, que “o povo de Uberlândia tinha essa aspiração por uma universidade”.

O que vemos nessa pesquisa é que em nome do “espírito uberlandense” muito se fez para a concretização da Universidade Federal de Uberlândia. As crises, os momentos de tensão ocorridos em seu processo de formação (1969 a 1978) responde a essas ações isoladas, que foram efetivadas na sua constituição.

O fato das classes dominantes locais terem uma ligação muito forte com os governos militares, que regeram o Brasil por 21 anos, permitiu que a universidade fosse solidificada com mais precisão na cidade de Uberlândia.

A UFU é considerada hoje uma instituição de porte médio. O seu ensino, a sua pesquisa e a sua extensão foram ampliados. As classes sociais, em seus vários segmentos, se beneficiam dela. Uma instituição que foi planejada por poucos é agora realidade de muitos. Evidente, que ainda existem falhas, mas essas não conseguem apagar o valor que a Universidade Federal de Uberlândia tem na cidade e na região.

FONTES

A) Fontes bibliográficas (livros e teses)

ALTAFIN, Juarez. **Primeiros tempos: depoimentos sobre pessoas e fatos do início da Universidade Federal de Uberlândia**. Uberlândia: Edufu, 1997.

CAETANO, Coraly G. e DIB, Mirian M. C. (Orgs.) **A UFU no imaginário social**. Uberlândia: Gráfica UFU, 1988.

RIBEIRO, Eleonora. **A constituição da Universidade Federal de Uberlândia e suas articulações com a educação fundamental, através das memórias de seus atores**. São Paulo: Tese (Doutorado em Psicologia da Educação) PUC – SP, 1995.

B) Jornais

- *Correio de Uberlândia*
- *O Repórter*
- *O Triângulo*
- *Tribuna de Minas*

C) Outros

DEPARTAMENTO GRÁFICO DO SERVIÇO PÚBLICO DO ESTADO DE MINAS GERAIS. **Plano de Urbanização da cidade de Uberlândia**. Belo Horizonte: Serviço Público do Estado de Minas Gerais, 1954.

D) Locais de Pesquisa

- Arquivo Público Municipal – Prefeitura Municipal de Uberlândia.

- Centro de Documentação e Pesquisa em História – Universidade Federal de Uberlândia.
- Setor de Arquivo Geral – Universidade Federal de Uberlândia.

- Apresentação do Entrevistado:

Sr. Rondon Pacheco

Nascido em 31/07/1919 na cidade de Uberlândia. Advogado, participou ativamente no processo de formação da Universidade Federal de Uberlândia. Na vida política exerceu os seguintes cargos: Deputado Estadual (1946-1949 – UDN); deputado federal (1950-1966 – UDN-ARENA); Ministro-chefe da Casa Civil no governo Costa e Silva (1967-1969) e governador do Estado de Minas Gerais (1971-1975 – ARENA). Hoje está aposentado e vive em Uberlândia.

Entrevista gravada em 13/11/2006.

BIBLIOGRAFIA

ALEM, João Marcos. Representações coletivas e História política em Uberlândia. In: Revista **História e Perspectivas**. nº 4 jan-jun/1991. Uberlândia: Edufu, 1991. p.79-102.

ARANTES, Jerônimo. **Cidade dos sonhos meus: memória histórica de Uberlândia**. Uberlândia: Edufu, 2003.

BACZKO, Bronislaw. Imaginação social. IN: **Enciclopédia Einaudi**. Porto: Imprensa Nacional, 1985.

BRESCIANI, Maria Stella. Metrôpoles: as faces do monstro urbano (as cidades no século XIX). In: **Revista Brasileira de História**. v.5, nº 819. São Paulo: ANPUH, 1984/1985. p. 35-68.

_____. História e historiografia de cidades, um percurso. In: **Historiografia Brasileira em Perspectiva**. São Paulo: Contexto, 1998.

_____. Cidade e História. In: OLIVEIRA, Lucia Luppi (org.). **Cidade: História e desafios**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002.

BLOCH, Marc. **Apologia da história**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.

CARDOSO, Irene R. **A Universidade da Comunhão Paulista**. São Paulo: Autores Associados, Cortez, 1982.

CHAUÍ, Marilena. Ventos do progresso: a universidade administrada. In: **Descaminhos da educação pós 68**. São Paulo: Brasiliense, 1980.

_____. **Escritos sobre a Universidade**. São Paulo: Editora UNESP, 2001.

CUNHA, Luiz A. **A Universidade Temporã: o ensino superior da colônia à era Vargas**. Rio de Janeiro: Francisco Alves Ed., 1986.

_____. **A Universidade crítica: o ensino superior na república populista**. Rio de Janeiro: Francisco Alves Ed., 1983.

_____. **A universidade reformada: o golpe de 64 e a modernização do ensino superior.** Rio de Janeiro: Francisco Alves Ed., 1988.

_____ e GÓES, Moacir. **O golpe na educação.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985.

DANTAS, Sandra M. **Veredas do Progresso em tons altissonantes, Uberlândia (1900-1950).** Dissertação (Mestrado em História) Uberlândia: UFU, 2001.

FACUNDES, José. **Universidade e compromisso social: extensão, limites e perspectivas.** Campinas: Unicamp Ed., 1986.

FERNANDES, Florestan. **Universidade brasileira: reforma ou revolução?** São Paulo: Ed. Alfa-Ômega, 1976.

GASPARI, Elio. **A Ditadura envergonhada.** São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

GIANNOTTI, José. **A universidade em ritmo de barbárie.** São Paulo: Brasiliense, 1986.

JUNIOR, Paulo G. **História da Educação.** São Paulo: Cortez, 2001.

LEGOFF, Jacques. Documento / Monumento. In: **Enciclopédia Einaudi.** Porto: Imprensa Nacional, 1985.

MACHADO, Maria C. T. **A pobreza urbana na ótica do capital.** Análise do discurso. Uberlândia (1900-1960). Dissertação (Mestrado em História Social). São Paulo: USP, 1986.

_____. Muito aquém do paraíso: ordem, progresso e disciplina em Uberlândia. In: **História e Perspectivas.** nº 4, jan-jun/1991. Uberlândia: Edufu, 1991. p. 37-77.

NAGLE, Jorge. **Educação e sociedade na primeira república.** São Paulo: Ed. Pedagógica Universitária Ltda., 1974.

PORTELLI, Alessandro. História oral e memórias. Entrevista com Alessandro Portelli. In: **História e Perspectivas.** nº 25 e 26, jul/dez. 2001, jan/jul/2002. Uberlândia: Edufu, 2002.

RAMA, Angel. **A cidade das letras.** São Paulo: Brasiliense, 1985.

ROMANELLI, Otaíza. **História da educação no Brasil (1930-1973)**. 27 ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

SAMUEL, Raphael. Documentação histórica local e história oral. **Revista Brasileira de História**. v. 9, nº 19, set./1989/fev.1990. São Paulo: ANPUH, 1990.

ANEXOS

ANEXO A - Imagens de uma pesquisa



A construção de caixas-d'água na Avenida Floriano Peixoto em 1954.
Fonte: CDHIS/UFU



Mercado Municipal, Avenida Getúlio Vargas, em 1950.
Fonte: CDHIS/UFU



Avenida Floriano Peixoto, anos de 1950.

Fonte: CDHIS/UFU



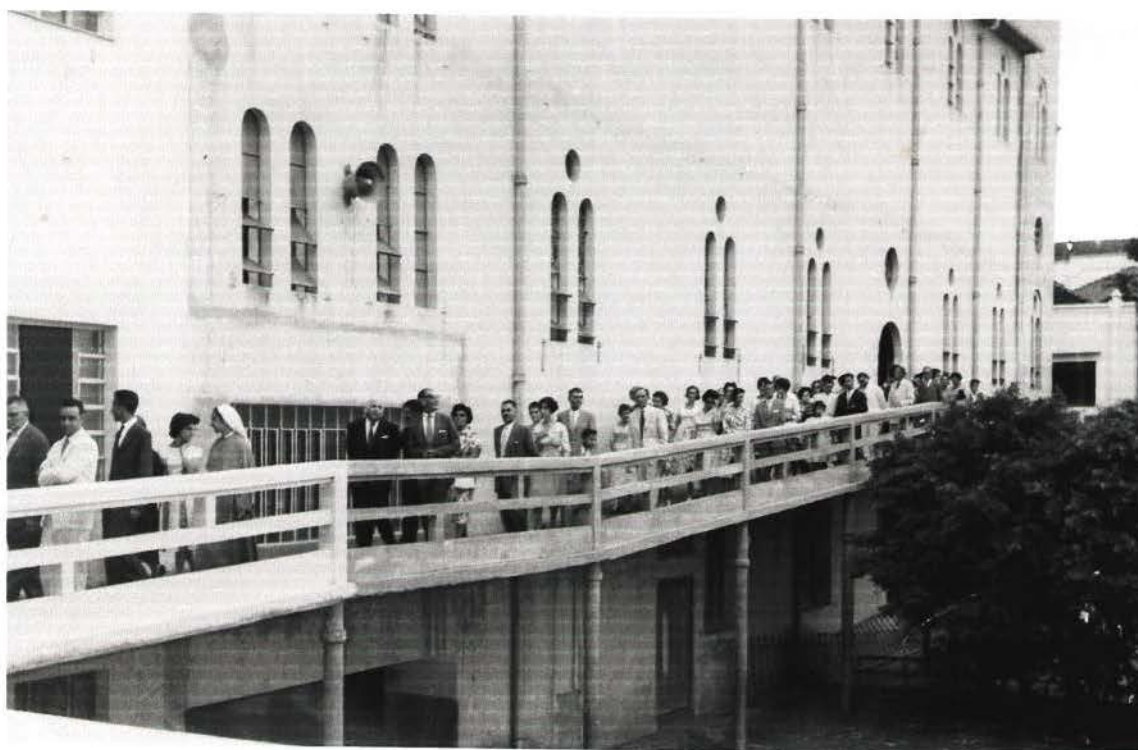
Vista aérea da cidade de Uberlândia nos anos 1950. Observamos a linha férrea da antiga Companhia Mogiana no centro da imagem. Hoje, esta linha é a Avenida João Naves de Ávila.

Fonte: CDHIS/UFU



Visita do professor Luis Gama e Silva para aula inaugural da Faculdade de Direito, em 1960. O segundo da esquerda para a direita: Renato de Freitas, ao centro L. A. Gama e Silva e sentado com a beca Jacy de Assis.

Fonte: CDHIS/UFU



Instalações da Faculdade de Filosofia – Colégio Nossa Senhora das Lágrimas, em 1960.

Fonte: CDHIS/UFU



Instalações da Faculdade Federal de Engenharia. Em pé o senhor Genésio de Melo Pereira, em 1965.

Fonte: CDHIS/UFU.



Rondon Pacheco com a enxada, simbolizando as obras da Faculdade de Medicina, em 1967.

Fonte: CDHIS/UFU



Solenidade no campus Santa Mônica, 1977. O segundo, da esquerda para a direita, Homero Santos, o terceiro, Rondon Pacheco e o quarto Gladstone Rodrigues da Cunha.
Fonte: CDHIS/UFU



O último, da esquerda para direita, o então prefeito de Tupaciguara, Ademar Batista da Costa, no local da futura instalação da Faculdade de Veterinária, em 1970.
Fonte: CDHIS/UFU



Busto em homenagem a Rondon Pacheco, de frente ao Bloco 1Q (Antiga Faculdade Federal de Engenharia), em 2006.

Fonte: Arquivo pessoal da autora.



Visita do Presidente Ernesto Geisel na Feira Nacional da Indústria Brasileira, em 1977, na cidade de Uberlândia.

Fonte: CDHIS/UFU.

ANEXO B – Carta de renúncia do vice-prefeito de Tupaciguara, Ademar Batista da Costa, encaminhada à Câmara Municipal, em 20/jan./1976.

Tupaciguara, 20 de janeiro de 1.976.

A

Câmara Municipal de Tupaciguara

Tupaciguara -MG-

Senhor Presidente,

Tem a presente a finalidade comunicar a esta egrégia câmara de vereadores, a minha renúncia ao honroso cargo de Vice-Prefeito de nossa comunidade de Tupaciguara.

A medida tem caráter irrevogável, e foi motivada pelos últimos acontecimentos, relativo ao episódio que envolveu a transferência da Faculdade de Medicina Veterinária de nossa cidade para Uberlândia.

Não concordamos em hipótese alguma com esta medida; nossa renúncia representa um ato de protesto à injustiça, ao ato impensado, afoito e expoliador em nossos direitos adquiridos, exercidos pela cidade de Uberlândia, acobertada com a capa da Retórica e Conselho Universitário de Uberlândia.

Roubaram nossa Faculdade de Medicina Veterinária em que pese as afirmativas do ex-governadores Israel Pinheiro, Rondon Pacheco de que ela seria irreversível e também do Deputado Homero Santos que rasgaria seu diploma de Deputado Federal, se a Faculdade não permanecesse em Tupaciguara.

Não sou homem acostumado a deixar de cumprir minhas palavras, e tão pouco de tapear a quem quer que se a, portanto, renuncio ao meu mandato, como prova de lealdade ao povo de Tupaciguara e também para que nossos filhos no futuro saibam que não deixamos de honrar a confiança e os poderes a nós delegados.

Cumpre ainda advertir aos responsáveis, pela sagrada manutenção aos princípios da Revolução, que nosso partido Aliança Renovadora Nacional, responsável pela execução dos mesmos princípios, tem tido sérias dificuldades exatamente pela prática de atos como este.

segue/...



O Conselho Universitário de Uberlândia, atendendo solicitação de meia dúzia de alunos e meia dúzia de professores, em defesa de seus interesses pessoais, resolveu no mesmo dia, - transferir a Faculdade para Uberlândia, deixando de considerar, ou melhor, desmoralizando as palavras de autênticos líderes, como Rondon Pacheco, Israel Pinheiro, Homero Santos, João de Araújo Ferraz e muitos outros.

Esta nossa decisão foi tomada após infrutíferas tentativas junto a Reitoria, Conselho Universitário, Governador Ayrélio Chaves, Rondon Pacheco, Homero Santos e inclusive com sua Excia. Nei Braga -Ministro da Educação, no sentido que fosse considerado o ato.

Recebemos por parte de todos eles, apenas promessas.

Na certeza que esta Egrégia Câmara de Vereadores e povo de Tupaciguara saberão entender esta nossa atitude,

Subcreve-mo-nos

Ademar Batista da Costa
-Vice-Prefeito-

Recebido em 201-02-196
Recebido em 1-1-1
Marques

ANEXO C – Transcrição da entrevista realizada com o Sr. Rondon Pacheco, em seu apartamento no dia treze de novembro de 2006.

Luciana: Bom!, vamos lá!, posso deixar aqui?

Rondon Pacheco: Pode.

L: Eh! Senhor Rondon!, quando o senhor iniciou na vida política?

RP: Pela vocação irresistível, eu fui político, eu tinha vocação de liderança na faculdade superior onde estudei, na faculdade de Direito da Universidade de Minas Gerais. Lá eu fui eleito presidente do Diretório Acadêmico, o órgão oficial da escola, representativo do corpo discente e... desde muito jovem já tinha essa vocação, aqui no ginásio mineiro onde eu fiz o meu curso ginasial na conclusão do curso eu fui o orador da turma. Escolhido por todos os colegas e então era uma vocação natural. No interesse de servir a causa da escola, a causa do estudante, a causa do bem comum.

L: O senhor já tinha uma liderança já consigo assim? O senhor já fazia...

RP: Que se manifestava naturalmente, episodicamente como o orador da turma ginasial, posteriormente escolhido no voto pelos estudantes do curso de Direito de Belo Horizonte para presidente do diretório que era o órgão oficial da escola. Ih! Comecei a minha vida profissional e com o advento da democracia no país, a votação da constituinte mineira eu me candidatei a deputado. A constituinte mineira a deputado por Uberlândia.

L: O senhor candidatou então em 1946?

RP: O meu partido era a União Democrática Nacional. Fui para a Assembléia Mineira e... lá fiquei apenas uma legislatura, depois fui eleito para a Câmara Federal e lá cumpri sucessivos mandatos. Ih! Durante o exercício do meu mandato, fiel a grande inspiração que sentíamos na sociedade uberlandense no sentido de criar as suas escolas superiores. Eu me coloquei também como um dos líderes dessa causa e começamos o trabalho criando as escolas isoladas. A primeira escola isolada superior em Uberlândia foi a Escola das Irmãs do Colégio Nossa Senhora das Lágrimas que criou a faculdade de Filosofia.

L: Não foi a faculdade de Música a primeira?

RP: Não.

L: Da Cora Pavan?

RP: Não, a Dona Cora Pavan tinha criado um conservatório de música, mas o conservatório ainda não estava constituído. Ah! como uma escola superior, ela veio posteriormente e que teve o maior merecimento, né?! Mas criada a escola de Filosofia, logo depois criamos a

Escola de Direito. Que foi um trabalho nosso também com o apoio aqui em Uberlândia de uma Comissão, de uma Fundação que era liderada pelo Dr. Jacy de Assis. A Escola de Direito e outras pessoas que compunham essa grande, que interpretava essa grande aspiração da sociedade uberlandense. Mas eu encaminhei todos os papéis junto ao Ministério e tenho tudo documentado, toda a documentação, tenho telegramas do Dr. Jacy, do Dr. Capistrano que eram os dirigentes da Fundação Educacional que criou a Escola de Direito, agradecendo o meu trabalho pelo reconhecimento da Escola, tenho os telegramas, tenho todos documentados. Coisa que eu já tive oportunidade de comprovar noutros depoimentos como o mesmo objetivo que você Luciana está revelando. E depois da Escola de Direito foram criadas outras escolas, foi criada a Escola de Ciências Econômicas e mais para se criar a... uma... uma Universidade federal, a UFU, nós tínhamos que ter primeiro uma escola federal que seria o germe, seria a semente principal, em torno da qual outras quatro escolas superiores que o... os requisitos é que fossem cinco escolas superiores, que se agregassem e eu como estava incorporado neste trabalho desde o início, como o mandatário do povo do triângulo, de Minas, como deputado federal já muitos anos trabalhando com este objetivo. Eu no governo Juscelino K. de Oliveira quando ele mandou uma mensagem ao Congresso criando a Escola de agrotécnica de Bambuí, aqui na oeste de Minas. Eu que não tinha o poder para apresentar um projeto, mas tinha o poder de apresentar a emenda, a emenda a qualquer projeto presidencial. Compreende?

L: Sim!

RP: Não tínhamos o poder de criar projeto originário, porque não tínhamos o poder de criar cargos, aumentar despesas. Então eu apresentei a emenda. Um artigo no projeto do executivo criando a Escola de Engenharia de Uberlândia e foi aprovado. Foi tido a grande felicidade de ver aprovada esta minha iniciativa.

L: Já tinha um grupo que propunha a criação da Faculdade de Engenharia, né?! Até em Uberlândia foi criada uma Sociedade de Engenheiros, né?! Já tinha esse?

RP: A que havia era sociedade.

L: Já havia uma sociedade.

RP: Mas era tudo. O fato é que não existia nenhuma escola, ah!, e as condições, podia existir uma escola de Engenharia aqui particular, essa não existia, ela já surgiu federal.

L: Um ponto positivo.

RP: Com a minha iniciativa. Você compreendeu? Como existia uma escola de Direito, existia uma escola de Economia, uma escola de Filosofia, e de Medicina, esta nunca houve e a primeira iniciativa e única foi a Escola (risos) que veio criado em lei, em lei federal e

convenhamos com este bem maior. Com este bem maior que era ter uma escola federal que seria o germe até da futura universidade não se justificava nenhuma iniciativa de se criar um.. uma acessório de uma escola isolada. Você compreendeu?

L: Compreendi.

RP: (risos) O acessório já existia o principal, porque eles queriam criar o acessório. Você compreendeu?

L: Compreendi.

RP: Então eu quero te mostrar a minha importância na UFU, porque paralelamente nós estávamos criando também a escola de Medicina. Que era uma escola assim como você sabe, pela suas implicações, de aparelhamento de mexer com cadáveres pela sua complexidade é uma escola muito mais difícil que qualquer outra para ter instalação é necessário criar um hospital. Você compreendeu? É... mexendo com seres vivos, ah! e com defuntos (risos) porque os defuntos era... alguns buscavam conseguir no Instituto de Anatomia: o cadáver. Então a escola de Medicina era mais complexa, muito mais... Paralelamente eu estava liderando como deputado federal junto ao ministério a criação da escola de Medicina e tivemos o maior êxito desta criação a Fundação Escola de Medicina foi um êxito extraordinário para Uberlândia. É esta do Umuarama.

L: Do Umuarama, né!

RP: Umuarama... Mais quando eu cheguei a Casa Civil.

L: O senhor foi convidado pelo Costa e Silva?

RP: Fui, fui convidado. Fui convidado. Para ser ministro tem que ser convidado (risos).

L: Tem que ser convidado...

RP: Só através de convite. É cargo de confiança.

L: É realmente... ainda mais a Casa Civil que é um cargo...

RP: Eu fui nomeado Ministro da Presidência. Ministro da Casa Civil da Presidência e coincidentemente, veja você, o destino no momento em que eu apresentei a emenda criando a escola de Engenharia nesta mensagem do Presidente JK um colega meu que era presidente da Comissão de Justiça. Meu pediu licença para lá da Comissão mesmo, eu apresentei a emenda em plenário. A Comissão deu parecer favorável, que no parecer favorável da Comissão de Justiça viesse a criação de uma outra escola de engenharia. Junto com a nossa. seria a escola de engenharia da Universidade de Santa Maria, que era também uma universidade particular, de natureza privada, uma fundação e eu autorizei para o bem, era mais um aliado a lutar comigo, era o então deputado Tarso Dutra que veio a ser o Ministro da Educação.

L: Olha só!

RP: Interessante, né?! Veja a convergência, que veio a ser o Ministro da Educação do presidente Costa e Silva, no governo Costa e Silva. E o presidente Costa e Silva que no contato diário, cotidiano comigo no trabalho da presidência estava sempre informado pelo meu intermédio da evolução dos acontecimentos em torno da escola de engenharia e do financiamento das outras escolas, mais o interessante é que ele se interessou muito sabendo a dificuldade para a manutenção uma escola que ele iria prestigiar e reconhecer que era a escola de Medicina. E quando o Dr. Genésio era encaminhado em audiência para o Presidente por meu intermédio, o presidente sempre perguntava “Dr. Genésio, como vai a Escola de Medicina?”, o Genésio respondia “Mas eu sou diretor da Engenharia”, “Não, mas eu estou perguntando pela Medicina. A Engenharia está criada. O Senhor já é o diretor. Eu quero saber da que está nascendo e se agregando para criarmos a futura universidade” e assim, minha filha, foi criada a UFU. O decreto que criou a UFU, criou também a Universidade de Santa Maria no estado do presidente.

L: No estado do Rio Grande do Sul.

RP: No Rio Grande do Sul. Compreendeu? Elaboramos o decreto né?!, e... com assistência total do ministro da educação, que também era do Rio Grande do Sul, Tarso Dutra, né? E... o presidente assinou esse decreto. Eu tenho a fotografia da assinatura do decreto. Eu levei a ele o decreto para ser assinado que eu estava com todos os instrumentos na mão. Eu era o chefe da Casa Civil, mais aquilo foi uma plena realização do nosso ideal, quem ganhou foi Uberlândia, quem ganhou foi todo o Brasil central, foi essa região do Triângulo Mineiro. E não tínhamos outro objetivo se não esse. E ganhou sobretudo as escolas isoladas também ganharam, que elas passaram a ser federalizadas, mas... no bojo da escola de Engenharia nós não conseguiríamos. Era por lei, era necessário existir uma escola federal. Para que as demais fossem federalizadas.

L: Eh!... Bom! Quando o senhor criou a faculdade de Engenharia foi preciso constituir um espaço, né?!

RP: Minha filha ela demorou três anos para ser instalada.

L: Três anos!

RP: Sabe por que? Porque tínhamos que criar o professorado, a estrutura e isso dependia de uma outra mensagem do executivo, então o Juscelino terminou o mandato sem poder concretizar a criação do... toda estrutura da escola.

L: Do corpo docente...

RP: Do funcional, do burocrático da escola eu consegui com Jânio Quadros. Que foi sucedido pelo presidente João Goulart, o presidente que só governou sete meses, consegui que ele

mandasse a mensagem para o Congresso criando o corpo funcional do corpo de professores da Escola de Engenharia de Uberlândia.

L: Quer dizer que ela passou a funcionar só em 63?

RP: Eh?, não ai já aprovada no governo do Jango né! Porque o Jânio renunciou, naquela imitação dessa mensagem de Jânio Quadros ela só foi aprovada no governo de João Goulart, mas como era um resultado de um trabalho irrecusável, de um maior merecimento e com todas as credenciais porque Uberlândia já reunia aquele elenco de escolas superiores, com maior êxito estavam ai em pleno funcionamento: Direito, Filosofia, Ciências Econômicas, né.. eh... Medicina instalação e já reconhecida pelo governo federal, já reconhecida pelo governo federal, já reconhecida! Já em funcionamento Engenharia, já associá-las foi a coisa foi um estalo... foi uma coisa... assim... que teve o maior prestígio da sociedade e dos órgãos do ministério da Educação, do ensino superior, né?! Que o projeto nasceu lá dentro por meu intermédio, nasceu dentro da Casa Civil e do ministério da Educação.

L: Mas assim nos meus estudos que eu venho fazendo, ela nasceu, as faculdades foram unificadas, mas parece que a Universidade de Uberlândia com um caráter privado né?! E aí que gerou o conflito né, porque a Faculdade de Engenharia era a única federal e as demais faculdades que se juntaram eram particulares e parece que houve... vamos dizer assim, conflitos porque pelo que eu li de trabalhos que eu já li, parece que alguns diretores de algumas faculdades não queriam unificar.

RP: Não queriam...

L: É... não queriam unificar porque tinham receio de perder a administração das faculdades e a Engenharia parece que tinha um grupo de professores que tavam fazendo campanha de que ela iria desfederalizar por ela está no meio outras faculdades particulares. Isso aconteceu mesmo, Sr. Rondon?

RP: Não, é... esses ajustamentos surgem em todos os órgãos ecléticos. Imagina, conciliar interesses de Filosofia, de Direito, de Medicina, são coisas muito heterogêneas né?! E depois nós trouxemos a escola de Veterinária (risos).

L: Éh! A veterinária!

RP: Quando eu era governador. Compreendeu? É que nós trouxemos a escola de veterinária que se incorporou a universidade.

L: A de odonto né, odonto... Odontologia, a Educação Física também foi criada.

RP: A educação física, exatamente! Você está muito bem informada!

L: É, eu tenho estudado, já tem dois anos que eu tenho...

RP: Exatamente. E aí tudo isso já no meu governo, porque... eu quando saí da Casa Civil, estive um ano na presidência nacional do partido do governo federal e... com a tarefa de coordenar as sucessões estaduais e fui escolhido pelo presidente Médici para governar Minas. Então foi muito fácil, esse somatório, esse juntado que nós fizemos das escolas superiores não foi difícil não!

L: Não foi não. O senhor tocou num ponto da Faculdade de Veterinária. Ela tinha um ciclo em Tupaciguara, trouxeram ela para cá, parece... o vice-prefeito de Tupaciguara renunciou na época, parece que ele falou que era por questões políticas.

RP: Não, não, nada político!

L: que trouxeram a faculdade de Veterinária...

RP: Apenas questões de interesses da própria escola. Eles é que a pleitearam.

L: Quer dizer que a princípio era para ela nascer aqui mesmo e aí levaram ela para lá...

RP: Não, nasceu lá.

L: Nasceu lá mesmo em Tupaciguara.

RP: Aqui falava-se em criar, que já existia escola agrotécnica, que foi criada aqui em Sobradinho, que era uma escola média, que é uma escola média de ensino agrícola né.

L: Parece que esse ano eles criaram um curso de nível superior, dois anos lá e... acho que é curso tecnológico.

RP: Coisa boa...

L: Coisa boa é... É, senhor Rondon vou fazer algumas... então, assim depois da unificação houve esses conflitos, parece que só a partir de 74, que a coisa passou a se modificar com o reconhecimento da faculdade de Medicina, né?! A Faculdade de Medicina foi reconhecida em 74.

RP: Ah!

L: 1974.

RP: 74.

L: É, porque ela foi autorizada em 66.

RP: 67.

L: 67 né! Porque tem que formar a primeira turma...

RP: ela foi autorizada em 67, em 68

L: 68! Ih!

RP: Criamos também ah... o hospital.

L: O hospital...

RP: Em 68. O hospital em 68 no governo Costa e Silva.

L: Eh! Eu vi umas fotos dele no CDHIS, ele veio, ele visitou aqui as obras, né?! Da... da faculdade lá do Umuarama. Ele veio aqui, acompanhar.

RP: Ei?

L: O presidente Costa e Silva esteve aqui em Uberlândia.

RP: Veio duas vezes. Os primeiros reitores, ah!, o Dr. Domingues Pimentel de Ulhôa né, mas uma equipe admirável, José Olympio de Freitas, João Fernandes, Dr. João Fernandes, o Dr. José Bonifácio Ribeiro, Dr. Arnaldo Godoy de Souza, eu me lembro todos os nomes aí, que compunham o Conselho Superior da escola.

L: Não... eu li que eles primeiro eles se doavam, mesmo para a faculdade de Medicina, né?! Para formar mesmo a faculdade de Medicina. Houve atrito com Uberaba; não, o ministério da Educação não queria deixar passar, porque em Uberaba tinha...

RP: Não minha filha, minha filha existia uma resolução que num raio de 100 Km não podia ter outra escola (risos).

L: Agora o senhor imagina sair daqui de Uberlândia e ir para Uberaba...

RP: É... o critério né! Regulamentado já, sedimentados, que nós íamos removendo.

L: Bom! O senhor... senhor viveu várias épocas de momentos históricos importantes na política brasileira. Éh! Eu pergunto ao senhor. O 31 de março de 64 ele foi mesmo necessário? Naquele momento.

RP: Você se refere a revolução?

L: Isso.

RP: De 31 de março?

L: Isso... eu falo...

RP: Minha filha, é um imperativo categórico da história, né, aconteceu. O país estava convulsionado. Ah!... aconteceu uma revolução e... nessa revolução saiu vitoriosa. Se fosse, se não saísse vitoriosa ela estaria subjugada e os revolucionários estariam todos na cadeia, né! Por crime de responsabilidade, que depuseram um governo constituído, mas o governo constituído estava também muito enfraquecido, tanto que ele acabou se entregando.

L: Então, o senhor acha que o governo João Goulart, ele não conseguiu fazer...

RP: Superar...

L: um governo sólido?

RP: Eh! Ele fugiu da capital, né! Ele saiu de Brasília e foi pro Rio Grande do Sul e de lá foi pro Uruguai. E eu assisti, eu participei da... dos acontecimentos, porque o congresso teve que dar posse ao Mazilli, né? Ao presidente da Câmara, né?! Foi decretado pelo Senado, pelo Congresso Nacional a vagância do governo. O senador Aldo de Moura Andrade declarou o

governo vago, então o presidente da Câmara assumiu. Dr. Ranieri Mazilli, deputado Ranieri Mazilli.

L: Nossa! O senhor tem uma memória boa! O senhor lembra! É, mas assim, teve apoio dos Estados Unidos, num teve umas tropas saíram aqui de Minas, São Paulo, foram os dois Estados que mais estiveram juntos nesse momento, as tropas do Capitão Mourão Filho saíram aqui de Minas...

RP: E a polícia mineira também né! Muito coesa, marchando na frente e... já o Mourão partiu pro Rio de Janeiro. Quando eles chegaram no Rio (risos) o comando revolucionário já estava instalado no ministério da Guerra. Compreendeu? Já havia um comando diferente. Nesse comando, por esse comando é que foi coordenada a constituição do novo governo, foi coordenada a eleição do presidente Castelo Branco, com o apoio dos partidos majoritários a UDN e o PSD. Nós elegemos o Castelo presidente da república, Humberto Castelo Branco.

L: A UDN... A Arena é de 66 né?

RP: A Arena foi em 66, mais o Castelo foi em 64, dez dias depois do 31 de março nós elegemos o Castelo, presidente da república. Fato para constituir, para institucionalizar o país, né, porque o governo estava vago. O presidente João Goulart declarou que não queria derramamento de sangue e foi para o Uruguai.

L: O senhor acha que o governo João Goulart tinha tendências socialistas?

RP: Tinha, tinha, não fazia segredo disso não.

L: Ele esteve aqui em Uberlândia também, né? O João Goulart?

RP: Esteve... ele esteve aqui e visitou a escola de engenharia, quando esteve aqui, escola que ele havia sancionado o projeto. Compreendeu?

L: Ele que a sancionou... eh! Quem comprou o prédio da Faculdade de Engenharia? Foi o Dr. Genésio que comprou o prédio?

RP: Foi coordenado pelo Dr. Genésio, que aquele prédio era uma... escola católica de seminaristas e... o Genésio coordenou a constituição do patrimônio inicial da escola de Engenharia. Ele foi uma peça decisiva para a implementação da escola.

L: Da engenharia. Ele comprou ela com recursos próprio ou...

RP: Ah! não sei, ele tinha muitos recursos né! Ele era um grande empresário, mas assim... o povo uberlandense estava muito integrado nesta causa.

L: É que trouxe um entusiasmo para a cidade, isso na verdade as faculdades, a própria universidade ela ajudou alavancar...

RP: Agora que o Genésio foi um fator decisivo, fundamental, foi. Ele se passou a se dedicar full time, ele passou a direção das empresas para dirigir a faculdade de engenharia. É o que eu conheço minha filha, que estava sempre em contato com ele.

L: Ele se dedicou mesmo... O senhor como... fez parte da Casa Civil do governo Costa e Silva. eu queria que o senhor comentasse assim sobre o AI-5...

RP: Isso já tem 68 anos minha filha [ele confunde com o ano de 68]... você pode, terá pleno conhecimento sobre esse problema minha filha no meu livro de memórias. Você peça o livro na Assembléia, ele está esgotado, mas a Assembléia ainda tem, viu?! Ta tudo relatado lá, em minúcias.

L: Na Assembléia de Minas. É... o senhor...

RP: Foi editado o livro em 80...; 2000, 2003, 26 de novembro de 2003.

L: Bom! Então, porque .. porque o senhor é... eu cheguei a falar dos conflitos né...

RP: Coisas tão conflitantes, a Escola de Engenharia com o AI-5, ah! coisa tão contraditória!

L: Não, porque assim é... eu estou perguntando sobre o processo da criação da UFU, e também esse momento histórico que o Brasil viveu né?!

RP: Sei, mas aí você tem um salto de muitos anos.

L: É né, eu fui e voltei né...

RP: (risos) Você está dando um salto histórico. Isso é outro assunto tão melindroso, tão... peculiar né?!, que já... foi um fruto de uma crise, de uma crise, que surgiu no Congresso Nacional entre o executivo e o legislativo em razão de... de um pedido para processar um deputado. O deputado Márcio Moreira Alves. Aí já é outro assunto pois o seu objetivo imediato... você pode ver no meu livro de memórias...

L: Tudo bem! E agora, voltando ao assunto do processo de unificação da escola.

RP: Da escola... da universidade...

L: Isso, da universidade, isso...

RP: O fundamental é a universidade.

L: É... o fundamental é a universidade.

RP: A escola foi o acessório principal.

L: Isso...

RP: Deu condições para a criação da Universidade.

L: Isso. Agora porque que o senhor acha que na época a Faculdade de Engenharia resistiu a esse processo de unificação?

RP: Ao mesmo... algum receio, ela que estava nascendo e como todo nascedouro é frágil, ah? ela... os professores... nós estamos com tantos problemas aqui, que, que vamos agora nos

agregarmos a um problema maior. O raciocínio é esse. Só pode ser isso, mas tal era o interesse comum e... geral de Uberlândia, tão legítimo de ter a sua universidade que... essas manifestações de resistência não tiveram êxito. Êxito teve a Universidade, que está aí hoje.

L: A Universidade...

RP: Que é uma das grandes universidades do país.

L: O deputado federal Homero Santos, ele também teve papel importante...

RP: É... ele foi deputado posteriormente depois de criada, mas ele sempre participou desse processo.

L: Eu andei lendo que desde a década de 50 ele já iniciou uma comissão para criar faculdades em Uberlândia...

RP: A Faculdade de Direito né...

L: A Faculdade de Direito...

RP: Que já existia faculdades superiores em Uberaba e nós tínhamos aqui essa frustração. O Homero nessa época era vereador... (risos)

L: É... ele era vereador... O projeto de lei dele, ele tinha criado um projeto e não tinha passado, depois ele criou posteriormente o projeto nº 6.532 e.. que eu li da minha pesquisa é que o Ato Institucional nº1 ele decretou que ... não podia criar projetos que constituiriam despesas para a União, né?! E o deputado federal Homero Santos criou o projeto de criação de federalização da UFU.

RP: Mas nessa época Homero não era deputado...

L: Não. Isso já em 78, eu já to pulando...

RP: Já saltou...

L: Já saltei... é isso...

RP: Quase vinte anos... Não de 64... quatorze anos, você está dando um salto de quatorze anos.

L: É porque eu estou indo e voltando né!!

RP: (risos) um salto de 14 anos, mas estava tudo pronto!

L: Tudo pronto...

RP: Tudo pronto, a escola já estava criada, já estava funcionando...

L: Mas o... nome federal ainda faltava para a Universidade.

RP: Não... o decreto era federal.

L: O 762, que o senhor conseguiu...

RP: Então, no próprio decreto uma emendinha lá, né! De criação.

L: Eu tive acesso a uma cópia do estatuto, no próprio estatuto da UFU falava isso né... Universidade de caráter privado... então o deputado Homero Santos apenas de complementou o que já estava feito, vamos dizer assim.

RP: A nossa universidade, mas ela já era federal...

L: Ela já nasceu com caráter federal?

RP: Já nasceu federal...

L: Ih. Bom! Voltando de novo é... a UFU foi constituída em campus diferentes, campus Santa Mônica, campus Umuarama...

RP: Quê?

L: A UFU, ela foi constituída em campus diferentes, né, campus Santa Mônica, campus Umuarama...

RP: Começou no Umuarama.

L: Começou no Umuarama...

RP: Começou no Umuarama e, depois, com a influencia do Genésio lá, conseguimos mais aquele terreno e ela ficou com esta... com esses dois terrenos. Veja você.

RP: Tá gravando?

L: Ta, ta gravando.

RP: Não há nenhuma importância se esta gravando... quando se pensou em criar a escola de medicina, algumas sugestões que eu recebi foi de conseguir com o governo do Estado o terreno do centro de saúde, mas aí seria muito pequeno, né! Mas uma escola de Medicina, ele precisava de um campus universitário e só detalhe para você saber como as sugestões apareceram né! Talvez você muito fácil realmente conseguir um centro de saúde para instalar um departamento da escola de Medicina, mas nunca a escola de Medicina.

L: Ih! Então os terrenos do Umuarama foram comprados...

RP: Foram doados...

L: Foram doados.

RP: Pelo Seu Ari Santos, Ari não... o irmão do Ari.

L: Acho que o Rui, o Rui Santos...

RP: O Rui Santos... ele era o proprietário de lá... o Rui Santos.

L: Parece que ele era cunhado do Sr. Virgílio não era?

RP: Cunhado do Dr. Virgílio.

L: Do senhor Virgílio Galassi...

RP: São cunhados...

L: E ali no Santa Mônica era o Segismundo Pereira que era dono daqueles terrenos?

RP: Tio do Genésio.

L: Ah! Tio do Genésio...

RP: Tudo em família...

L: Tudo em família....

RP: Veja você que não foi tão difícil, né!

L: E o campus da Educação Física, como ele foi construído?

RP: Foi desapropriado por mim, eu governador do Estado desapropriei do Sr. Napoleão Carneiro...

L: O Senhor Napoleão Carneiro era comerciante aqui em Uberlândia?

RP: Ele tinha um curtume...

L: Bom! Senhor Rondon, um colega meu ficou sabendo que eu viria aqui, ele ta fazendo um trabalho, mas sobre a Mogiana né!

RP: Sei.

L: Ele me pediu pro senhor falar assim, como o senhor viu a Mogiana aqui, porque a Mogiana ele trouxe é... o “progresso”, né! Porque a ferrovia era a o sinônimo do progresso.

RP: Fundamental! Essa rodovia que emana para Goiânia, para o Brasil Central, que sai do “Vau” e vai ao trevão, depois vai pra Itumbiara, Goiânia, essa é a rodoviária, mas a Mogiana teve que precedeu muitos anos essa rodovia teve a grande virtude também de impulsionar o nosso progresso. Você sabe porque que a praça ali se chama praça Sérgio Pacheco?

L: Não.

RP: Porque o Sérgio, meu filho!, meu filho!

L: Seu filho...

RP: Meu filho!, consegui com o governo de São Paulo a Procete a doação dos terrenos da Mogiana para a prefeitura de Uberlândia para fazer a praça, por isso, que fizeram o nome dele. Ela foi outro fator empolgante de nosso desenvolvimento.

L: Ela foi instalada em Uberlândia em 1895 e durante todo o século XX até o desligamento total. Bom! Senhor Rondon Pacheco eu, eu tenho que agradecer o senhor...

RP: Ora, ora é o maior prazer.

L: Por senhor conceder o seu tempo, a sua residência para a entrevista.

RP: Eu acolho toda a juventude uberlandense aqui dentro porque é vocês é que tem a grande responsabilidade do futuro, minha filha, tá na mão de vocês.

L: A gente tem uma responsabilidade...

RP: muito grande!